

Academia Passo-Fundense de Letras
apresenta

Agostinha Both
Carlos Madalosso
Elisabeth Souza Ferreira
Fernando Miranda
Ivaldino Tasca
Júlio Perez
Marisa Potiens Jilío
Osvandré Leck
Pedro Ari Vertissimo da Fonseca
Sueli Gehlen Frossi



Contos da
Academia



Contos da .
Academia



aldeia sul

Aldeia Sul Editora — Passo Fundo, novembro de 2014

Contos da Academia

Editoração:

Ivaldino Tasca e Marina de Campos

Revisão:

Pia Elena Borowski

Capa, projeto gráfico e diagramação:

Marina de Campos

Consultoria geral:

Janaína Tasca Mendes

Al68c Academia Passo-Fundense de Letras
Contos da Academia / Academia Passo-Fundense
de Letras. - Passo Fundo : Berthier ; Aldeia Sul, 2014.
152 p. ; 21cm.
ISBN 978-85-7912-176-0

1, Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira
I. Título

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável: Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



Impresso pela Gráfica Berthier
Avenida Presidente Vargas, 907 - Cep: 99070-000
Vila Rodrigues - Passo Fundo - RS
(54) 3313-3255



Publicado pela Aldeia Sul Editora
Passo Fundo - RS
(54) 3601.1041 / 9157.6580 / 9969.0921
www.aldeiasul.com.br
editora@aldeiasul.com.br

Academia Passo-Fundense de Letras
apresenta

Agostinho Both
Carlos Madalosso
Elizabeth Souza Ferreira
Fernando Miranda
Ivaldino Tasca
Julio Perez
Marisa Potiens Zilio
Oswandré Leh
Pedro Ari Verissimo da Fonseca
Sueli Gehlen Frosi

Contos da
Academia



aldeia sul

*Dedicatoria
ou Agradecimentos*

Índice

13

Prefácio
por Gilberto Cunha

19

Pequena conto de amor antigo
por Agostinho Both

23

Aermínia descobre um remédio
por Agostinho Both

35

Aos vencedores, as batatas
por Carlos Madalosso

41

A maldição da cadeira
por Elizabeth Souza Ferreira

49

Esmolas
por Elizabeth Souza Ferreira

53

Sacolas e sacolões
por Elizabeth Souza Ferreira

57

Eraição
por Fernando Miranda

61

Alm estampido
por Ivaldino Tasca

65

Não se dormam cavalos
por Ivaldino Tasca

69

A homenagem
por Ivaldino Tasca

73

Alma noite na Academia
por Julio Perez

79

Estrada maldita
por Julio Perez

93

Joana e o colo de Luízinha
por Marisa Potiens Zilio

99

Mundos paralelos
por Osvaldo Lech

107

A guerra entre o macaco e o tigre
por Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

115

A história da Pita
por Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

129

Ficou louca, Margarida?
por Sueli Gehlen Frosi

135

Grávida, e agora?
por Sueli Gehlen Frosi

143

So resta um pouco de mim...
por Sueli Gehlen Frosi

Prefácio



por Gilberto Cunha
Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

Há coisas na vida que, por existir um modelo que foi socialmente convencionado como padrão, são mais difíceis do que aparentam. Entre essas eu incluo prefaciador, que seja honesto consigo mesmo e com os leitores, escreva? Elogios à mancha para os autores e à obra para atrair leitores? Ou tecer uma crítica que, dependendo da intensidade e da adjetivação empregada, pode afastar leitores? Eu, pessoalmente, entre essas alternativas, não sou partidário nem de uma e nem de outra. Acredito, inclusive, que, quando os ventos sopram favoravelmente, mais que uma parte meramente protocolar, o prefácio de um livro pode se tornar peça indissociável da obra, servindo para melhorar a compreensão dos leitores ou até mesmo para justificar a sua publicação.

Eu, mesmo que essa não seja uma regra expressa nos manuais de formação de leitores, tenho o hábito de ler prefácio e apresentações de livros; antes de gastar várias horas na leitura da parte principal. Inclusive, para obras que possuem mais de uma edição e prefaciadores diferentes, costumo prestar atenção especial nas semelhanças e nas diferenças que acompanham os comentários inclusos nessas apresentações. Sei que aquelas palavras que foram deliberadamente postas naquela posição privilegiada, antes do conteúdo do livro propriamente dito, não são meras peças de ornamentação, cuja leitura poderia ser dispensada sem qualquer remorso. Há razões para estarem exatamente ali. Por isso é que tenho bem clara a convicção da responsabilidade e de toda a sorte de dificuldade que enfrenta quem se aventura na empreitada de prefaciador um livro.

Assim, creio desnecessário dizer que, na posição de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, para prefaciador esse livro, que traz uma coletânea de contos escritos por acadêmicos da instituição, a par do privilégio do convite

recebido dos editores Ivaldino Tasca e Marina de Campos, a dificuldade maior foi não ceder à tentação do elogio fácil ou resvalar na retórica de ocasião, tentando persuadir os leitores de que estão diante de uma obra-prima da literatura universal.

Ainda que tentado, não me atreverei a qualquer comparação da obra dos contistas da Academia Passo-Fundense de Letras (APL) – Agostinho Both, Carlos, Antônio Madalosso, Elisabeth Souza Ferreira, Fernando Miranda, Ivaldino Tasca, Julio Perez, Marisa Potiens Zilio, Osvandré Lech, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Sueli Gehlen Frosi – com a produção consagrada no gênero por contistas modelares, a exemplo do gaúcho Sergio Faraco, do escritor Rubem Fonseca ou do mestre dos mestres do conto universal, o russo Anton Tchekhov. Mas uma coisa eu não posso me furtar de dizer: todos os contistas da APL honraram o posto de acadêmico/escritor e dignificaram sobremaneira a cadeira que ora ocupam no sodalício das letras locais.

Nesse livro, *Contos da Academia*, há desde contos breves, escritos de forma direta, sem outra intenção que não o prazer (de quem escreveu e do leitor), até aqueles mais sofisticados em estilo, que, pelas mais variadas razões, instigam a imaginação do leitor. Não pretendo, de forma alguma, tirar o prazer da descoberta de cada um, tecendo comentários que, no fundo, não expressam mais que a minha mera opinião sobre cada conto. Deliberadamente, deixo que você, prezado leitor, tire as suas próprias conclusões.

Por fim, cabe ressaltar que essa iniciativa de parceria com a Aldeia Sul Editora, cujo produto é o livro *Contos da Academia*, é, aos nossos olhos, muito bem-vinda, pois reforça o papel da Academia Passo-Fundense de Letras na consolidação de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura. Afinal, o mínimo que se espera de uma Academia de Letras e

de uma cidade que ostenta tamanha honraria, é que aqui se produza boa literatura e se pulique bons livros. E esse é o caso. Eis o livro!



Contos da .
Academia

*Pequena conta
de amor antiga*



por Agostinho Both

O dia amanhecia no vale. Manhã ainda sem sol, enquanto a bruma enrustida deixava Marga mais devagar, embora mais cuidadosa.

Via seu marido como a um deus no Olimpo. Não havia outra razão pra viver. Era o provedor e a autoridade. Grande senhor de fortunas e entendimento. Caminhava causando impressão sobre a crença de sua mulher. O senhor era ele. Engenheiro respeitado das perfurações de petróleo de uma grande companhia. Seu patrão, homem silencioso e ainda mais respeitado, servido por bons acordos com a companhia do Estado e mediado por um deputado de terceira eleição. Antônio punha 5% a mais para servir ao seu mediador, que se elegia por conta de adendos ao orçamento em favor de diversas comunidades e de seu bolso. Entre o benefício alheio e o próprio, julgava justo o auxílio em retribuição aos seus esforços. Antônio, que era considerado a autoridade em casa e por toda comunidade regional. Marga, a ingênua esposa, se sentia a suficiente pessoa por atender seu amado e respeitado homem. Dobrava-se alegremente às solicitações e se envergonhava quando não provesse qualquer desejo de seu ilustre companheiro. O seu sentido de liberdade condicionava-se à boa vontade e humor de Antônio. Não podia haver maior alegria que ouvir ser ela a dona Marga, mulher de Antônio. As flores, os feijões, as alcachofras, o açafraão, a manjerona, os manjericões, o tomilho, a sálvia e todas as formas de folhas e folhagens concediam alegrias maiores que os poetas poderiam obter. Jurava que as conversas com suas plantinhas eram excelentes: único diálogo de todos os dias. E você hortelá, tão bonita, quando vai crescer? Diga pra mim, antúrio, o que deu em ti de não sair do chão? Querida onze horas, por que morrer tão cedo? Iam desse jeito suas conversas. O que sabia era perguntar pras plantinhas, avaliando as dificuldades. Marga, na

relação com o marido, não passava de: faça-se em mim a tua vontade. Tampouco se diferenciava de Santa Maria. Esta possuía pelo Espírito Santo e ela por seu Antônio. Sua fidelidade se fazia sem perguntas. Assustou-se muito quando a vizinha Zózima escureceu seu espírito.

– Marga, querida vizinha, sabe que vi teu marido com outra?

– Vai ver que era a sócia, amiga da casa, respondeu.

– E ele costuma beijar as amigas da casa?

– Que eu saiba a única amiga que ele beija sou eu! – respondeu nervosa, dona Marga.

Mal chegara a noite:

– Você está me traindo, Antônio?

– Que bobagem, mulher!

– A vizinha falô que você beijô uma mulher.

– Um beijo de despedida.

– Sempre pensei que quando mandava embora, não beijava.

– Não, Marga, me despedi da sócia, tua amiga.

– Da próxima veis, não beija, que a vizinha me falô que viu tudo.

– Ela é uma fofoqueira, Marga.

– Marido, comigo não tem disso!

– Não tem o quê?

– Não tem traição. Sou velha, mas não aceito enfeites em minha cabeça.

Pra todos os efeitos e, principalmente, pra sua tranquilidade, Marga ficou de olho atento. Marido Antônio entendia fosse tudo apenas curiosidade ingênua da mulher, em adiantada velhice. Pra cuidados seus, falou com um velho amigo. Este o alertou: vai nessa, homem, sentimentos de mulher traída não têm idade. Antônio, entretanto, não prestou atenção e

avançou o sinal. Começou a sair de mãozinha com a sócia.

O resultado não foi agradável. Marga viu o quanto não era bom ser substituída. Falou pra vizinha:

– Vou mostrar o quanto dói um amor antigo.

Certo dia, ao encontrar seu marido Antônio de braços com Nice, a sócia, ministrou a primeira lição. Foi até o apartamento da concorrente, mostrando o poder de seu braço.

Por uma semana, ninguém viu uma cabeça servir-se de tanto sódio.

Por duas semanas a sócia não compareceu ao trabalho. Ao voltar, Antônio viu o quanto sua esposa Marga era capaz de fazer. Os braços dos dois não se estenderam mais.

Passado um mês Marga perguntou:

– Como vai tua sócia?

– Que sócia?

– Não pensei que estivesse tão estragada, pra ti não reconhecê-la, a bandida.

– Desculpe, Marga, ela era apenas uma amiga.

– Por enquanto, a amiga sou eu!



Fernínia
descobre um remédio



por Agostinho Both

Hermínia, cansada de Hermeto, resolveu ler pra afastar o desânimo avassalador. Um velho livro, esquecido na estante, trouxe-lhe um auxílio inesperado. Walter van Tilburg Clark, em *Os deuses vigilantes*, instigou-a a ver de perto o mal estar de quinze anos, gerado por seu fiel e indiferente marido. Causou-lhe um impacto profundo a sensibilidade do personagem central, o garoto de 12 anos, Buk. Ganhara um rifle de aniversário, o qual representava a iniciação à vida adulta. Na primeira investida de caçador descobriu o maior conflito de um homem: atender aos apelos sociais ou a seus sentimentos. Com três tiros deu fim a um coelhinho junto a um capim pálido. A expectativa do pai de criar um grande caçador queudou-se, dando lugar aos apelos da compaixão. Hermínia, por identificar-se com o caçador, também trazia um morto vivo. Percebia-se como o próprio Buk: desejou ardentemente que o coelho estivesse vivo em seu braço, aninhando-se ali como um gatinho. Pensou várias vezes em uma miraculosa ressurreição do coelho. Mover-se-ia em sua mão, retesar-se-ia, e então, quando se ajoelhasse para aproximá-lo do chão, suas pequenas e poderosas pernas posteriores o propulsionariam para fora de seu braço. Sem o menor temor por ele, mas apenas contente por retornar ao que conhecia, sairia saltando, sentar-se-ia ali e acolá a fim de olhar em redor ou puxar uma folha e mastigá-la. O coelho não se encolheu calidamente em seu braço nem se aconchegou. Pelo contrário, continuou a esfriar, a esticar-se mais e mais, e vez e outra, escorregava ameaçando cair no chão. Apesar de seu desejo de cerrar os olhos diante dos buracos da bala, também arrumou com ternura e cuidado as orelhas do coelho, de modo a ficarem estendidas sobre as costas.

Terminada a leitura do excerto, Hermínia percebeu o quanto a história de Clark se aproximava ao que vinha acontecendo em sua relação com Hermeto. Apenas, ao contrário

da imobilidade do coelho, Hermeto, vez e outra, fazia alguns movimentos de ternura. Muito mais aconteciam em razão de esforços da natureza que de uma expressão espontânea. Muito pior que os três tiros de Clark tinham sido o desinteresse dos últimos quinze anos. Bem de acordo com a história que Hermínia lia, se pôs sobre os dois uma cerração que aos poucos impediu que um visse o outro claramente. Para Buck a ravina e as falésias perdiam suas configurações, nela, era a palavra e os gestos se perdendo. Quando se revelavam, estavam toscos que melhor seria não fazer parte da paisagem familiar. Desse jeito voltou-se aos santos de sua preferência. Ora São Francisco, ora Nossa Senhora. Não poucas vezes rezou pra São Jerônimo. São Francisco levava jeito de lidar com animais e até pregara aos peixes com relativo sucesso, por que não poderia impressionar seu marido pra que lhe pusesse um prazer de outrora em sua passividade de águas turvas e paradas. Nossa Senhora era óbvio, por que a invocava. Ela sabia muito bem, como casada que fora, sobre como é insuportável a vida a dois quando não se tem mais nada a dizer um ao outro. Poderia bem avaliar o tormento de uma solidão a dois. Ela, Hermínia, não possuía mais um corpo para receber carinhos, diferente de um morto a provocar certa compaixão. Nem a isso ele a induzia mais. São Jerônimo do qual, em razão da fé, tiraram-lhe o coro inteiro. Dela, sem razão alguma, Hermeto tirava o seu. Mas de pouco adiantou, por que santos em razão de sua espiritualidade pouco se comovem por sexo e afeto. Estão noutra dimensão, explicava-lhe o cunhado espírita.

Hermínia, então, empobrecida por falta de apoio celestial, começou a rever os passos que possivelmente deixaram Hermeto semelhante a uma pedra. A cerração tornava-se cada vez mais espessa, sufocando o espírito. Lembrou-se de certa feita, quando menina, de ter se enfiado debaixo do galpão e

com dificuldades de voltar atrás. A falta de ar oprimiu-a tanto que, por alguns anos, acordava aos gritos. O sonho seguidamente devolvia seu desespero. O sofrimento de agora assemelhava-se aos sonhos da infância. Um insinuante cansaço não fomentava em nada a alegria, mesmo com todos os filhos e netos reunidos. Ao perguntarem sobre o que se passava, ao ter uma nuvem a toldar-lhe os olhos. Coisas de uma velha, repetia. A incompletude constrangia o coração da velha senhora. Buscou, então, rever por onde tudo começara. E graças a uma conversa com um jovem sindicalista, que mantinha respeito por colegas aposentados, avaliou a possibilidade de Hermeto ter perdido o rumo desde o momento da aposentadoria. Quarenta anos inteiros, desabafava, arrumava-se impecavelmente para o trabalho. Liderou muitos momentos importantes da empresa. Ela podia sinceramente duvidar se a preocupação da vida residia na empresa ou, se, em casa. Depois, quinze anos de inépcia. Ou, como Hermínia no início falava: retiraram dele a capacidade de pensar. Andava como um imbecil de um lado pro outro. Foi se aquietando com as leituras de jornal e uns papos sem destino com velhos amigos. A casa, por fim, e eu com ela, não produzíamos mais efeito algum. Quando interrogado se estava faltando algo, respondia: tudo estava bem. Bem, coisa nenhuma, retrucava eu. Sentia nele uma profunda irritação por invadir a hermética realidade. Acabei por me aquietar também. Agora anda pior. Faz de conta que não existe. Há um silêncio que mata.

Murchas, as orelhas de seu antigo coelho, Hermínia não sossegava enquanto não punha a limpo toda a morte. Que virasse uma loba a uivar pelos desertos dele, mas assim não morreria seu antigo bem. Ela percorreu, como um camponês, todas as terras, vendo os sulcos feitos pelas águas de setembro e a aridez do solo. Viu as mazelas todas que podem tornar

um homem sem disposições. Pena de meu homem ter tido, somente no trabalho, a disposição de um certo poder. Era isso que haviam retirado de Hermeto. Viu bem de perto, de maneira contundente, o quanto a alma masculina de Hermeto tornara-se. Sobrara um fiapo de talentos, resultando um caco de gente. A arte e o serviço nunca passaram por perto dele. Estava um capim depois do inverno e, agora, esturricando num sol branco. Hermínia viu no marido o coelho de Clark. Mortinho e, cada vez mais. Os sinais eram evidentes. Caminhava trôpego, o brilho desapareceu dos olhos. Para completar as tardes de Hermínia, que uma vez produziam efeitos de festa, uma coruja se plantara numa árvore e emitia um arrulho triste como uma flauta solitária de sons intermitentes, antes mesmo de a noite chegar. O sem sabor das horas contribuía pra ela começar a entrar no espírito de Hermeto. Desgraça! Fiz de tudo e mais um pouco pra ele despertar, mas, pelo que observo, é próprio de homens andarem perdidos, sem um recurso disponível. Não vou permitir minha morte. Assim, morro com ele. Pensou muito em afastar a angústia. Enlouquecia. Arranjou meios para tanto. Veio-lhe a ideia de convocar Hermeto a passar uns tempos na velha casa de descanso à beira do alagado. Convidou-o, mas não o convenceu a realizar tamanha aventura. Como o ambiente andava pesado e ela não conseguia convencê-lo, resolveu partir sozinha. Deixou alguns pratos feitos. Avisou a filha da sua decisão. Que fosse ver o pai por ela. Se foi!

Tomou do seu Fusca e, resoluto, se dirigiu até as águas quietas. Fazia meio ano da última vez que passou ali alguns dias. Causou-lhe má impressão as ervas daninhas crescendo por todos os lados. Uma vidraça quebrada e a banda de uma janela convidavam animais de pouca estimação a ocupar o lugar.

É preciso pouco para tudo virar tapera, igual ao meu

marido, resmungou. Uma cobra, duas pombas, e dois gambás se instalaram em sua casa. Houve reclamação dos gambás que chiaram ao serem tocados. Admirou-se, sobretudo, quando estes se dirigiram, meio tontos, por entre alguns arbustos. A passarada fez algazarra, chiando contra os intrusos. O protesto foi geral. Somente o gavião, com seus olhos agudos e amarelos, olhava quieto os gambás se debatendo em busca de refúgio. Hermínia teve uma ideia instigante ao ver o barulho. O medo de morrer pode ser um meio eficaz pra despertar a vida. Quem sabe se Hermeto, tomando um susto como o das aves, não resolve se avivar?

O primeiro dia foi de faxina, limpando penas, e o pior, a sujeira das pombas. Basta um descuido, e já o mal-estar toma conta de tudo. Descansou ao meio dia. Recobradas as forças, resolveu deixar as poucas flores e as gramas livres da opressão. O cansaço se precipitou sobre ela, bem mais rápido que em outras temporadas. Entrou na sala limpa. Lá estavam as velhas e as mais recentes fotos. A memória turbinou-se toda. Lá estava ele, vigoroso, de um sorriso impagável. E os acontecimentos das noites dos dois traziam uma saudade doída. Murmurava: a vida se apaga. Foi acender as luzes, mas cadê luz. Bem que trouxera um foco. Imediatamente discou do celular pra filha para que pagasse a luz que havia sido cortada. E como nesse país mais vale uma amizade que um direito, a filha respondeu que tinha um amigo responsável pelos cortes. Ainda amanhã a senhora terá a luz de volta, mãe. Vou junto com o homem. A noite veio oportuna. Os medos se entregaram ao cansaço. Mais que animais imaginários, fizeram parte dos sonhos: Hermeto caminhava sobre o alagado, falando aos peixes de maneira suave e cordata: não vos incomodeis comigo. Vós sofreis em anzóis e redes, como aos homens perseguem outros anzóis e outras redes.

Espíritos tristes repousavam sobre o pinheiro que se-
cava nos fundos do terreno. Forçou o olhar e descobriu que
dormitavam fontes, lagos, almas perdidas e cançadas sem fim.
Mas, de tudo que foi visto, penetrou-a Hermeto, que, agora,
em roupas pobres, descansava entre as poucas flores do jardim.
Havia uma poesia repousando sobre seu peito, podendo lê-la:
que coisa muita é essa de ficar cansado do pouco viver. Olhou
-a com ternura. Veio pisando em folhas e, como uma vez dizia:
tu non sei sola!

Acordou-se quando um pouco de luz se fazia pela ja-
nela sem banda. Que peso, meu Deus e todos os espíritos vis-
tos e não vistos, não me deixem morrer sem ternura. Que a
juventude que me fez esperta e amável, por onde andei entre
peregrinos da alegria, não morra agora sem beber da mesma
fonte. Ouvia o ronco de um carro. A filha chegava pondo luz
na casa. Fez-se um rápido diálogo.

– Vamos pra casa, mãe! O que vai fazer sozinha?

– Tem muita sujeira pra limpar!

– Deixa que a gente manda limpar.

– Eles não limpam tão bem. Está tão sujo que nin-
guém vai querer fazer isso! Me faz bem limpar.

– O homem da luz não tem tempo. Fez um favor es-
pecial. Vamos ligar a luz.

– Trouxe uns CDs pra escutar quieta, filha. Me deixa
um pouco em paz. Lá em casa tá muito difícil. Vou tomar
coragem. Domingo eu volto.

– Mãe, se antes o pai andava triste, agora anda mais!

Vai filha, vou ver o que fazer.

O som do motor se afastara. Hermínia carregava uma
palavra que se fazia mais austera, associada ao sonho com Her-
meto. Saiu de casa, não sem antes pregar a parte da janela, mas
continuava a ouvir: tu non sei sola! Que coisa é essa, murmu-

rou, de a gente se prender tanto ao que perdeu, mesmo que nada tenha a nos dizer mais! Uma lágrima ameaçou brotar, não fossem os tucanos num resto de mata. Mania que eles têm de erguer sua voz rouca quando no céu aparecem as nuvens carregadas. E poucos minutos se passaram quando um trovão roncou: o tempo não andava pra brincadeiras. Novamente vieram as sombras da noite, trazendo a lembrança de Hermeto pregando aos peixes.

Limpava, na cozinha, algumas folhas de alface na água vinda de fonte e as nuvens do céu derramavam suas fontes sem economia. Lembrou-se do Coelho de Buck: O coelho não se encolheu calidamente em seu braço nem se aconchegou. Pelo contrário, continuou a esfriar, a esticar-se mais e mais, e vez e outra, escorregava ameaçando cair no chão. Puta merda! Ele não me sai da cabeça. Meu coelho está morto. Produziu e reproduziu e depois silenciou. Anda arrastando a chinela pela casa.

Fez uma soneca e a chuva se aquietou. Vou pescar, que depois dessa chuva eles saem das tocas. Foi até ao alagado, passando pela antiga estradinha que, tantas vezes, havia descido de mãos dadas com ele. Alguns raios ainda fulguravam. Havia paz sobre as águas e as folhagens, plantadas e descuidadas, pingavam.

Primeira linhada e nada. Assim uma hora. Outra linha a mais na água. Nem bem o chumbo se fundeara esticou-se a linha e de um golpe prendeu o peixe. Trazê-lo foi o que foi: movimentos solitários e vigorosos. Desejou tanto que ele a visse no esforço de pescadora. Uma traíra e tanto! A outra linha fez o caniço vergar de pronto! Perdeu a corrida a qual serviu para animar-se mais. Ainda bem que a geladeira funcionou. Posso tirar deles quantos quero. Quando chegou a noite havia o suficiente deles. Poderia levá-los pra casa. Anos atrás ele se

expressaria entusiasmado: aí, muié do coração! Quando me aposentar vou viver só de ti!

Limpou os seis peixes! Oba, pensou, não ando tão ruim assim! A solidão tem disso, não se perde a concentração. E o silêncio tem lá seus méritos. Foi dormir pensando na vida que se fora, mas sem grande pesar. Vieram sonhos de pouca precisão. Levantou-se na manhã limpa.

Tomou o café com restos de peixe e pão feito no forno. A austeridade das horas começou a vir abrupta. Dia anterior viu cães rodeando o terreno. De tempos em tempos, percebera uma matilha em correrias e latidos, parecendo à própria fúria. Olhou pela porta, ouvindo um barulho da vegetação e sons raivosos vinham em sua direção. Fechou a porta e, pela janela, viu uma lebre em corrida desesperada. Quatro ou cinco cães em perseguição. O incauto coelho, não percebendo onde se metera, viu tardiamente a cerca. Ao tentar voltar, deu um último salto, para cair nas bocas das feras. A cena de pavor fez Hermínia gritar. Cada cão carregava os restos do animal. A morte violenta ainda causava estremecimentos na mulher. A manhã serviu de meditação. A lebre inteira e a fúria dos animais e, num triz, os pedaços do lindo animal nas fauces sujas de sangue. Não obstante a força da violência, lembrou-se de Hermeto. Qual a diferença entre o que viu e a sorte dele? Apenas a lentidão do que é morrer. Não estava dividido, nem sangrava nas bocas famintas, morria devagar.

Um choro convulsivo brotou espontâneo do peito dela. Imediatamente, veio-lhe a inspiração de ver uma maneira de livrá-lo do estado de violência em que ele se encontrava. Se não em bocas malditas, estava sendo devorado pelo silêncio. Gritou desesperada, tentando livrar a lebre diante da fatalidade. Poderia ser mais incisiva em libertá-lo? Nervosa refletiu: a cerca, em Hermeto, poderá ser rompida?

Tudo estava por ser feito na casa, mas faria melhor ir ter com ele. Uma derradeira tentativa poderia pôr a salvo quem morria. Lera num antigo texto de professora que meninos sem solução podem ser levados a não violência por um choque afetivo intenso. A descida solitária pela estradinha até ao alagado fez retomar uma antiga afeição. Somadas as circunstâncias todas, ligou o seu fusca e entre barros e pedras tomou o rumo da cidade.

Existem paisagens e paisagens, ainda que sejam as mesmas. Nada do que sempre via se parecia. O olhar de Hermínia perscrutava melhor cada pé de macega. A nitidez do campo constituía-se numa fortuna. Estranhava muito: o olhar dos velhos, pensava, costuma viciar. Não era seu caso. Desejou dominar qualquer outra língua pra traduzir melhor seus sentimentos em torno dos míseros arbustos. Sabia que o pensamento vê melhor numa língua que em outra. Mas a sua bastava-lhe.

A força das coisas confirmava nela uma geografia antes não percebida. Podia se dizer que aí trafegava outra Hermínia, mais qualificada pelos deuses das coxilhas. A morte do coelho havia liberado nela um instinto quase selvagem de sobreviver. Nenhum cão devoraria seu companheiro. Foi isso mesmo: a exultação de si se esparramava. O primeiro benefício recairia no companheiro. Que pudesse ter a melhor sabedoria de uma mulher. Que se morresse seu homem, mas a despedida fosse menos distante. O amor tardio de duas tesourinhas, sobre o alambrado de uma casa, redobrou a força da sobrevivência. O demônio não sobreviverá dentro de minha casa. O ronco do motor apagou-se e Hermínia viu seu marido de olhar distante. Somente um “voltou cedo”, sem emoção. Hermínia mostrou-lhe os peixes. Um curto olhar sobre eles e nada mais. Passou-se um dia e outro mais. A vibração dela se abrandava. A reflexão

se fez: desse jeito nenhum coelho trucidado despertará a vida. Trouxe as fotos das paredes, mostrando-as, contente. Nada que o demovesse da cansada austeridade. A pobre mulher sentia-se desiludida, como a mulher que perde o noivo ou o namorado a quem jurou amor sem volta. Uma nuvem escura apanhou-a com trovoadas soturnas. Recorreu a um estúrdio recurso. Tomou duas fotos: a sua e a dele. Deitou-as dentro de uma caixa, nítido similar de um pequeno caixão. Flores ao redor e velas, prontos para um velório. O conjunto tornou-se mais assustador que imaginara. Sabendo da hora em que Hermeto se levantava, acendeu antes as velas e gravou seus próprios soluços ininterruptos. O homem entrou em seu quarto, lívido por ter visto o arranjo dos mortos. Acordou Hermínia, em transe de horror. Soluços em profusão, aí uma criança apavorada!

Por alguns anos Hermeto viveu em saudável companhia e, zeloso, acompanhou alguns casais, narrando sua história. Algumas pescarias foram feitas na casa do alagado. Hermínia lembrava a morte do coelho e dos pedaços nas faces famintas. Por sentir-se animada, entendeu que o horror da morte pode ser remédio.



*Aos vencedores,
as batatas*



por Carlos Antônio Madalosso

Quando Alberto, um filho de colono recém-chegado à cidade disse que entre as coisas mais importantes do mundo estava a batata e que ela, a batata, a batatinha ou batata inglesa (*Solanum tuberosum* para os engenheiros agrônomos) tem uma história interessante, a turma inteira caiu na gargalhada dentro da sala de aula.

– Vocês são uns verdadeiros bobos da corte, disse Alberto, encabulado e irritado com a reação dos colegas.

Pouco adiantou o professor intervir dizendo que o riso era inoportuno inclusive porque é mais comum do que se imagina as pessoas não saberem dimensionar a real importância de cada fato, produto, invenção, descoberta ou objeto. Explicou que o universo daquilo que nós chamamos conhecimento é muito vasto para que se desprezem informações com posturas infantis:

– Meus conhecimentos sobre a batata estão restritos ao território da mesa das refeições mas mesmo assim eu não me arriscaria a debochar do Alberto, sentenciou o professor sem obter o efeito desejado com a turma que prosseguiu provocando o garoto.

Nesse dia ele ganhou o apelido de Alemão Batata também por causa de seu cabelo cor de mel e somente um ano e meio depois teve a coragem de voltar ao assunto. Apoiado por Manoela, uma morena de cabelos negos longos e olhos verdes de quem se enamorou perdidamente, Alberto – o Alemão Batata – escolheu propositadamente a história da batata para a dissertação oral solicitada pela professora de português para encerrar o primeiro semestre daquele ano.

Foi necessário certo vigor da professora para que a turma respeitasse o colega quando ele anunciou que faria uma abordagem em torno da batata. Mesmo todo tremulo começou a falar, pois não tinha mais volta:

– A descoberta e a domesticação da batata ocorreram aqui na América do Sul, na Cordilheira dos Andes junto ao lago Titicaca, atual Bolívia e foi desenvolvida com técnicas de irrigação pelo povo Wari. Este povo foi desaparecendo e cedendo espaço para a civilização Inca no século XV. Os Incas melhoraram geneticamente a batata a ponto de quando os espanhóis ali chegaram em 1536 ela ter se tornado um alimento muito consumido e valorizado.

Com os ânimos mais calmos dentro da sala Alemão prosseguiu:

– Em 1937 foi levada à Espanha como oferta à Rainha Joana I, cognominada “A Loca”. Como creio que todos sabem aqui nesta sala “a Rainha Joana I, filha de Isabel, a Católica foi a grande rainha que unificou a Espanha. Casou com Filipe I, descendente dos Habsburgos considerado um moço muito bonito e mulherengo. Joana era tomada de um ciúme incrível e por diversas vezes surrou as amas por suspeitar que tinham caso com seu marido. Morto aos 28 anos, Joana, grávida de seu quarto filho, não se conformou e mandou embalsamar o corpo do marido. Nos meses seguintes viajava levando o caixão consigo. Por isto foi apelidada de “La Loca”.

Já sentindo ter dominado o ambiente e após trocar rápido olhar com Manoela, Alberto segue mais seguro na narrativa:

– Em 1537, Pizarro o comandante espanhol que conquistou o Peru enviou à Joana, em agradecimento por ter-lhe financiado a viagem, diversos presentes entre eles a batata, que na ocasião era chamada Patata, pois acreditavam que fosse a pronuncia dos Incas. Ensinou o mensageiro a preparar alguns pratos com ela, entre outros a chuña, farinha retirada do tubérculo. Ao receber o presente, a rainha Joana I solicitou aos seus ajudantes uma análise sobre o tubérculo. Miguel de To-

boza, pajem responsável pela saúde da soberana examinando a batata, achou que era impura, pois as manchas nela contida muito lembravam as da lepra e os nódulos lembravam as mãos rugosas dos artríticos, e por isto desaconselhou seu consumo.

Ao notar o polegar de Manoela discretamente levantado, numa confirmação de que estava se saindo bem em sua apresentação, Alemão Batata seguiu em frente com uma segurança que foi nascendo nele por sentir que dominava o público:

– Andrès de Miranda, seu confessor, lembrou à Rainha que este alimento não constava na Bíblia. Embora fosse dominicano, seguia o princípio de Santo Agostinho que afirmava que o que não está na bíblia é herege e também desaconselhava seu uso. Para complicar mais ainda o conceito da batata o bobo da corte pegou duas batatas e colocou junto as coxas e caminhava pelo salão tentando fazer parecer que as mesmas eram seus testículos.

Nesse momento a sala de aula voltou a ficar tumultuado exigindo intervenção da professora para que Alberto pudesse seguir em sua explanação:

– Tal atitude do bobo da corte espanhola assustou muitos dos presentes, em especial a Dama Beatriz Galindo, tutora da Rainha, que declarou que a batata além de ser impura para a saúde, ser contrária aos princípios bíblicos ainda continha um viés de imoralidade. Esses conceitos sepultaram o uso da batata na Europa por muitos anos e sua produção foi confinada às ilhas Canárias, em algumas regiões da Itália para alimento dos animais e dos pobres ou em jardins botânicos como curiosidade sobre as coisas exóticas do Novo Mundo. Esta estória imaginária, ou não, teve suas consequências levando a um preconceito com o alimento tão importante passando dois séculos sem que seu uso fosse considerado adequado para

as pessoas de melhor poder aquisitivo.

Após consultar algumas anotações em seu caderno, inclusive para reduzir a explanação e dispensar tempo maior ao debate que decidiria se a batata estava ou não entre as coisas mais importantes do mundo como afirmara há um ano e meio, Alberto prosseguiu:

– Uma mudança de rumo viria e colocaria a batata em novo patamar por volta de 1780 com o cientista e farmacêutico francês Antoine Augustin Parmentier, que durante alguns anos, como prisioneiro de guerra, viveu às custas desse alimento. Parmentier convenceu o rei Luiz XVI a introduzir no cardápio da realeza a batata, sendo seguido pela nobreza e depois pela população geral. Mesmo com a morte de Luiz XVI na guilhotina, Parmentier foi presenteado por Napoleão Bonaparte em 1802 com a medalha Lègion D’Honneur, pois a batata havia ajudado os exércitos napoleônicos superar a ameaça da fome. Desde então este precioso alimento salvou a Europa da fome. Na Inglaterra, o escritor Sir Frederick Eden publicava em 1792 que a batata era a maior bênção que a terra produz, um milagre da agricultura e a mais valiosa das raízes. Esta valorização da batata na Inglaterra deu-lhe o errôneo cognome de batata inglesa.

Quando algumas palmas começaram a surgir Alberto pediu silêncio e falou:

– Para concluir a respeito da importância da batata, recordo que na Irlanda, a sobrevivência estava intimamente ligada quase que totalmente a ela. “Os irlandeses viviam de batatas, como os chineses, de arroz”, disse um escritor chamado Paul Dubois, autor de um estudo sobre a questão irlandesa. “Se a colheita fosse ruim, haveria uma catástrofe”, analisou. E elas foram três consecutivas, não uma. No segundo semestre de 1845, em poucos dias o míldio, um fungo do bolor,

destruiu três quartos da produção de tubérculos. Em 1846 e 1847, a perda foi total. Os números da catástrofe ocasionada pelas frustrações nas plantações de batata são terríveis: um milhão de irlandeses teria morrido de fome e outro milhão teria imigrado para os Estados Unidos e Inglaterra.

Pedro, o colega de aula que um ano e meio antes tinha puxado a gargalhada da turma levantou e, com certa solenidade no tom das palavras disse: valeu tua bela lição sobre o que é e o que não é importante para as pessoas e para a humanidade Alemão Batata. Desculpe pelo deboche.

– Valeu, Pedro, muito obrigado mesmo, ser chamado de Alemão Batata é uma honra daqui para a frente... pois até Machado de Assis tratou delas e disse, em Quincas Borba “aos vencedores, as batatas” – finalizou Alberto arrancado sonora gargalhada que, ao contrário da primeira, o encheu de orgulho.



*A maldição
da cadeira*



por Elizabeth Souza Ferreira

Às primeiras horas da manhã, o bar da esquina em frente à Igreja permanecia fechado. O sol batia generosamente sobre a porta de madeira lascada. Uma janela estava com o vidro quebrado. Provavelmente, durante a noite, uma pedra isolada havia causado tamanho estrago. Os cacos brilhavam na calçada à espera de um pé descuidado.

O dono do botequim pôs a cara para fora, mostrando os cabelos em desalinho para a vizinhança. Esboçou um lindo sorriso amarelo para o primeiro freguês que tentava entrar. Seu Manoel recuou o pesado corpo, afastando-se da entrada. O baixote que forçava a passagem deu um tapinha amistoso na volumosa barriga do proprietário, enquanto este se entregava a um relaxado bocejo matinal. Os dois dirigiram-se ao enorme balcão dos fundos.

– Quero um trago, compadre! – exclamou o cliente.

– Já tão cedo? – retrucou o dono com a garrafa na mão.

– Pois é! O senhor sabe... A vida está difícil e a gente tenta esquecer as mágoas – explicou o outro.

– Mas você está pretendendo afogá-las na cachaça e isso não resolve o seu problema. Não conseguirá livrar-se delas dessa maneira.

– Credo, Seu Manoel! Nem parece que o senhor é negociante. Está querendo convencer-me a não beber. Prefere perder meus trocados a ver-me um pouco mais feliz?

– Olha, Chico, eu só estou tentando evitar...

– Porque o senhor tem bom coração, não é? – atalhou o nanico, refestelando-se na cadeira – Eu sei que o senhor está preocupado comigo.

– Não, não estou. Como eu dizia antes, só estou tentando evitar que você vá ao chão. Estou sozinho agora que a patroa viajou. E você sempre cai, diz muita besteira e ainda faz

mais sujeira que qualquer outro quando está de pinga. Portanto, se eu puder evitar que você me dê mais despesas, tanto melhor para mim! Desse jeito, não terei que recorrer a nenhuma mulher daqui da vila para limpar o assoalho. Elas sempre cobram muito!

– Puxa! – exclamou o freguês admirado – então, o senhor estava pensando só em si e eu que achei que o senhor fosse meu amigo...

– Eu não tenho amigos no bar, só interesses.

– Pois, dane-se! Eu vou encher a cara e, se o senhor negar-se a me servir, irei denunciá-lo junto às autoridades... – disse a miniatura de homem, passando a mão na garrafa que o dono colocara a sua frente, sobre a pequenina mesa.

O baixote bebeu várias garrafas. Nada conseguia detê-lo. Entrava e saía gente do bar, porém o Chico continuava firme na sua inesgotável ânsia de beber. A cadeira na qual estava sentado rangia mais do que cama de recém-casados. Seu corpo já estava entorpecido e sua cabeça não parava mais em pé. Rodopiava ora sobre o ombro esquerdo ora sobre o ombro direito. Nunca, porém, deixava a cabeça descansar para baixo. Parecia temer uma queda. Por isso, fixava o olhar nas paredes, nas outras mesas e nas outras caras que olhavam para a sua. Imaginou que deveria estar charmoso, pois todos comentavam a seu respeito. Ele não ouvia, mas podia imaginar.

Tudo transcorria bem até o momento em que o Seu Manoel pediu-lhe a cadeira. Explicou-lhe que ninguém poderia ficar o dia inteiro naquele bar, tirando o lugar de outros que chegavam de viagem ou que queriam fazer uma refeição mais completa.

De repente, o Chico dirigiu-lhe um olhar atravessado, colocando-se aos berros. Gritou tanto até que todos os fregueses se retiraram atordoados pelo barulho. Muitos nem haviam

pagado suas contas. Seu Manoel, enraivecido, telefonou para a polícia enquanto o bêbado praguejava em altos brados:

– Esta cadeira amaldiçoada vai dar-lhe um azar danado. O senhor verá, Seu Manoel! Queria tanto, esta porcaria, para dar a algum fedelho, de meia tigela, sentar em cima! Pois, fique com esta droga! Eu não preciso dela. E o senhor fará de tudo para livrar-se dela e não conseguirá. Ela voltará ao senhor. Eu a amaldiçoo. Ninguém irá querer esta coisa estragada...

La continuar, mas os policiais o interromperam. Levaram-no preso, sem que manifestasse o menor sinal de resistência. Diante dos policiais fardados, tudo nele murchou. Até o vozeirão, a valentia e o que havia de mais precioso... Seu Manoel, indignado, cuspiu-lhe em pleno rosto empalidecido. Passou-se um mês. Nunca mais ninguém soube nada a respeito do Chico. Ele era sozinho. Sua esposa o abandonara para acompanhar um velho montado na grana. Seus filhos resolveram acompanhá-la.

Seu Manoel nunca fora de acreditar em pragas, muito menos em promessas de gente que bebe além da conta. No entanto, a cadeira amaldiçoada nunca era ocupada. Ninguém queria usá-la. Era estranho. Por mais que o bar enchesse, ninguém a tocava. Mesmo que ela fosse colocada diante de um freguês, sempre surgia algum embaraço e ela logo era trocada por outra. Seu Manoel experimentou mudá-la de lugar diversas vezes, pintou-a, lustrou-a e nada aconteceu. Intrigado, certa noite, quando fechou o bar, resolveu colocar a cadeira maldita no meio da rua. Queria que algum ônibus a quebras-se, a fim de que os lixeiros recolhessem os seus pedaços dentro do caminhão municipal que descarrega o lixo fora da cidade.

No dia seguinte, acordou com batidas desesperadas à porta do seu bar. Como morava nos fundos, arrastou o pesado

corpo até a porta da rua. Atendeu. Era o vizinho que lhe havia salvo a cadeira de um atropelamento. Voltou a colocá-la em um canto do salão. Insistiu. Mesmo assim, ninguém a ocupava.

– Droga! – exclamou em pensamento. Tinha que haver um jeito de se livrar daquela maldição.

Enfiou uma roupa e saiu às pressas, não sem antes mandar sua companheira levantar-se e tomar conta do bar até seu retorno. Foi à procura de uma pessoa que comprava e vendia móveis usados na redondeza. Ofereceu sua cadeira. A mulher, dona do negócio, estranhou. Conhecia o Seu Manoel há muito tempo e não entendia o motivo que o levava a tentar se desfazer de algo tão útil. Depois de muita conversa fiada, Seu Manoel convenceu a comerciante a ficar com a maldita cadeira. Pagou um moleque de rua para transportar o objeto até a loja da mulher, que lhe pagara adiantado. O menino não hesitou em dar uma passadinha pelo bangalô onde vivia com a família numerosa. Todos se surpreenderam ao vê-lo entrar com aquilo em cima da cabeça.

– Onde conseguiu isso, mano? – inquiriu o irmão menor.

– Ganhei de um bobo – respondeu com desdém – Trouxe para a minha avó ter onde sentar-se.

– Oh, como ele é querido! Lembrou-se da vó Dadá! – elogiou-o a própria beneficiada, sentando-se sobre o prático presente. – Ah, mas isto é uma belezinha. E cômoda, também. Obrigada, querido! Você tem um coração do tamanho do mundo.

O garoto, sentindo-se orgulhoso, saiu para as ruas novamente. De agora em diante, teria cuidado para não passar mais por aquele velho botequim de onde retirara a cadeira. Entretanto, naquela mesma noite, a velha vó faleceu vítima de um ataque cardíaco. Local: sobre a cadeira que seu neto lhe

trouxera da rua. Segundo a superstição da família, seria necessário levá-la para bem longe, já que se tornara um símbolo de mau agouro. Resolveram trocá-la num acampamento cigano por alguns trocados.

A cadeira, então, foi enfeitada com fitas coloridas, lenços e outros adornos. À noite, uma jovem cigana iria casar-se com um rapaz alto e elegante, cuja voz encantava a todos os que o ouviam cantar. Quando a lua despontou no céu, a cerimônia terminou e deram início à festa que se estenderia por três dias. Tudo corria bem até o momento em que os noivos resolveram banhar-se em um rio. Subitamente a jovem pareceu afogar-se. O rapaz correu em seu socorro, mas nada foi possível fazer. A moça estava morta. Foi uma tristeza geral. Ninguém sabia o que tinha acontecido. Uma cigana mais experiente concentrou-se e sentiu que aquela cadeira onde a jovem sentara havia sido amaldiçoada. Combinaram que deviam vendê-la. Não queriam mais essa maldição por perto. Um cigano musculoso tomou-a nos braços e saiu em busca de alguém que quisesse comprá-la. Conseguiu vendê-la para um homem idoso. O ancião colocou-a no jardim de sua casa, próximo às roseiras. Não demorou muito para que as flores murchassem e o velho morresse. Os seus herdeiros não quiseram saber da cadeira. Doaram-na para um asilo distante.

No asilo, desde que a cadeira maldita chegara, os velhos e as velhas viviam doentes. Suspeitaram de uma energia negativa que a cercava e a deram como recordação para um idoso cuja família fora buscá-lo. Quando chegou em casa, foi recebido pelo novo jardineiro. Seu nome era Chico, um sujeito de passado duvidoso. Acabara de cumprir pena e pedia uma chance à sociedade. Foi ele que pegou a cadeira juntamente com o restante da mudança do bondoso ancião. O velhinho pediu-lhe que a colocasse no jardim e Chico obedeceu. A tar-

de estava linda, ensolarada. Quis experimentá-la. Não a reconheceu. Seu Manoel a havia pintado. E mesmo o Chico não se lembrava da maldição que lançara à cadeira.

No dia seguinte, o corpo do jardineiro foi encontrado imóvel, sentado na cadeira maldita. Chico estava morto, vítima da própria maldição. E, com ele, acabara a maldição. O encanto quebrou-se. Desse dia em diante, a cadeira nunca mais fez mal a ninguém. Suas vibrações se transformaram em paz e amor, alegria e saúde para todos.

Seu Manoel, o proprietário do bar, nunca mais voltou a vê-la. A maldição havia terminado e ele não sabia.



Escolas



por Elizabeth Souza Ferreira

O sol já brilhava forte, iluminando o céu claro e de poucas nuvens.

Lá embaixo, o pobre homem esmolava nas ruas. Puxava a perna doente para caminhar. O calor escaldante aumentava assustadoramente, arrancando-lhe bagas de suor do corpo inteiro. Estendia a mão para cada um que passava na calçada.

Uma mulher que tentava morder um sanduíche, na saída de uma lanchonete, teve a sua dentadura quebrada ali mesmo. O mendicante que a tudo observava atento, arrastou-se até lá, apanhando o aparelho da faminta que caíra próximo à sarjeta.

A coitada estava com a boca murcha e enrugada. Tapou-a com as mãos, fugindo cheia de pavor. O alimento também caíra ao chão. O homem apertou aquele pão fofo, esguichando um creme apimentado e amarelo na sua cara. Limpou-se como pôde e passou a comê-lo. Feito isso, a sua barriga já não roncava tanto quanto antes, apesar de sentir que havia muito lugar ali dentro para ser preenchido com comida.

Com as mãos sujas, tentou um desenho bizarro na vitrine de uma loja.

A balconista impaciente pediu-lhe que deixasse o caminho livre para as pessoas passarem.

O esmoleiro continuou, até que um balde de água gelada o apanhou em cheio pelas costas. Virou-se para ver quem o molhara daquele jeito e percebeu um funcionário da firma ao lado com um recipiente pingando. Então, pensando em ofendê-lo, o andarilho mostrou-lhe a língua esbranquiçada e saiu dali.

Mais adiante, deparou-se com um bar convidativo. Entrou e, quando ia pedir um pouco de leite, alguém o agarrou pelo pescoço, retirando-lhe a pontapés para fora. Já estava acostumado com aquelas cenas violentas mas, mesmo assim,

derramou copiosas lágrimas.

Um sujeito que passava perguntou-lhe:

– Escute, você aceita cheques? Eu só tenho cheques. E estou disposto a ajudá-lo.

– Barbaridade, se aceito! – gaguejou o pedinte, enxugando o rosto e procurando fitar melhor o seu benfeitor.

– Tome! – disse-lhe o cidadão espremido em um paleto de linho.

O esmoleiro pegou rapidamente o cheque que o outro lhe estendera. Tão contente ficou que nem se lembrou de agradecer pelo mesmo. Em vão, olhou para o papel rabiscado. Não sabia ler nem escrever. Encaminhou-se para um grande banco da rua paralela. Era segunda-feira e, como de costume, havia enorme fila. Bastou ele se colocar atrás do último cliente para que todos os olhares se voltassem na sua direção.

O gerente pediu para o guarda afastá-lo.

Não demorou muito para que o infeliz fosse logo convidado a sair.

– Espere! Eu tenho um cheque para trocar – explicou ao baixote que o carregava meio erguido.

O outro parou desconfiado.

– Deixe-me ver isso aí – disse em altos brados. E, arrancando-lhe o cheque das mãos, pôs-se a analisá-lo.

– Não estou gostando nada disto. Onde foi que você roubou este cheque? – interpelou o segurança.

– Moço, eu não o roubei. Eu o recebi de um homem que passava nas imediações – tentou justificar.

– Que nada! Você o roubou e irá agora mesmo explicar isso para o delegado – replicou o empregado do banco.

Colocaram o pobre homem dentro de um camburão da polícia e lá se foram direto para a delegacia. Lá chegando, enfiaram-no em uma cela. Permaneceu ali durante dois dias,

até que o delegado o soltou repentinamente.

Ignorando o porquê daquela atitude, resolveu questionar a autoridade sobre isso. Ao que ela respondeu-lhe:

– Bem, por que eu haveria de mantê-lo prisioneiro por causa de um cheque sem fundos?



Sacolas e sacolões



por Elizabeth Souza Ferreira

O ônibus estava lotado. Era a hora do pique. Todos estavam ansiosos para chegar em casa. Não havia lugar nem mais para respirar ali dentro. As janelas foram abertas e o ar morno daquele final de tarde pareceu esquentar ainda mais o interior do coletivo urbano. A fumaça das fábricas invadia o ambiente, tornando-o insuportável. O som das buzinas, ao longo da avenida, interrompia a conversa dos colegas que tentavam trocar ideias em meio àquele sufoco.

Uma pedra de tamanho médio, vinda da rua, acertou em cheio o ouvido esquerdo do motorista, provocando-lhe um grave ferimento na cabeça. O sangue escorreu-lhe abundantemente, ensopando assim a camisa branca do uniforme. Apesar do abalo sofrido, não interrompeu a sua marcha lenta, acompanhando o trânsito engarrafado. Um garoto que transportava um engradado de refrigerantes resolveu abrir uma garrafa e despejar o líquido sobre o chofer, a fim de limpá-lo um pouco. O homem, agradecido, puxou do bolso uns níqueis e passou-os ao menino.

De repente, uma carroça cortou a frente do ônibus e, se não fosse a habilidade do motorista, iriam todos para o brejo. O freio foi puxado e os passageiros em pé caíram uns por cima dos outros. Pragas intermináveis foram ouvidas. O cobrador recebeu uma baforada de cigarro em pleno rosto, o que embaçava ainda mais os óculos empoeirados. Tossiu, tossiu e tossiu. Finalmente, acabou vomitando pela janela.

Enquanto isso, muitos passaram pela catraca sem efetuar pagamento e ele não pôde ver quais os elementos safados que tinham aproveitado seu desarranjo biliar.

O ônibus parou novamente.

– Desce, desce! – gritaram em coro, os passageiros. Infelizmente, ninguém desceu. Ao invés disso, subiu uma mulher carregada de sacolas e sacolões. Todos se espremeram para

que ela pudesse passar.

Um gaúcho que se encontrava ali começou a cantarolar uma cantiga machista. A matrona, sentindo-se ofendida, dirigiu-se a ele com nojo:

– Somente um cavalo tem o dom de ver em toda fêmea, uma égua. E ainda é preferível ser égua a cavalo, porque a égua dá cria e o cavalo só dá coice.

As mulheres que estavam apertando-se umas às outras, aplaudiram a valente cidadã e, puseram-se a vaiar o machão metido à besta. O coitado foi levado de roldão para fora do coletivo urbano, tendo sua camisa rasgada e sua gravata arrancada.

Desde então, nenhum homem desrespeitou a nobre mulher e todos seguiram sossegados a trajetória do dia. O ônibus continuou levando consigo a lição que entrara para nunca mais sair.



traição



por Fernando Miranda

Maria Luísa e Luís Antônio estavam casados há quase dez anos. Ela, jovem, bonita e inteligente. Tinha longos cabelos negros que lhe caíam sobre o corpo bem feito, sensual.

Ele, um senhor de quarenta anos, era um escritor de sucesso. Instruído, educado, atencioso, amava-a com paixão. Nunca tinha tido olhos para outra mulher.

Os primeiros anos do casamento tinham transcorrido na mais absoluta felicidade. Dois filhos completavam a família.

No entanto, fazia já algum tempo que a monotonia insistia em misturar-se à felicidade. Nessas noites, em que a insônia o acordava, passava muitas horas lendo, ou escrevendo. Gostava de romances históricos, especialmente o da época dos Luíses e das Madames.

Seu último livro tinha sido um sucesso. Um dia seus editores o chamaram e lhe deram uma grande notícia: seu livro iria ser traduzido para o francês.

Ele deveria ir a Paris, a fim de acertar os detalhes. Seria uma viagem rápida, de poucos dias. Não era propício que levasse a mulher e os filhos. Tinha combinado com Maria Luísa que nas férias das crianças iriam todos juntos a passeio.

Em Paris viu tornarem-se realidade muitas coisas sobre as quais havia lido.

Uma noite dormiu profundamente. E sonhou: sonhou que estava em Versalhes, na corte do rei Luís XVI e Maria Antonieta. Naquela noite acontecia um baile de máscaras. Entrou no salão onde já estavam os outros convidados. Iniciava-se a festa.

A cor vermelha predominava nos grandes tapetes. As madames, elegantemente vestidas, traziam dentro de si grandes fantasias, visíveis nos olhos que se mostravam sob as máscaras. O ambiente era sensual e convidativo.

Durante um bom tempo ele vagou pelo salão. Num mo-

mento seu olhar recaiu sobre o que ele sentiu ser a mais atraente das mulheres. Aproximou-se. Dançaram. Enquanto dançavam aproximaram-se de uma porta que ela, sutilmente, abriu.

Entraram em uma sala, que era uma biblioteca. Os dois deslizaram sobre um macio tapete, indo parar juntos a uma grande lareira. O fogo fazia crepitar a lenha, cortada nos bosques de Versalhes, sem dúvida.

Suas mãos, circulando por baixo do vestido, descobriram, naquele corpo, suaves curvas, que lhes guiavam por um caminho sem volta.

Foi ao final desse caminho que ele, para não gritar, mordeu-lhe o ombro, enterrando os dentes na carne como uma fera faminta. Ela soltou um grito, misturado a um estertor de prazer, acordando-o finalmente.

Ele, molhado e perturbado, levou a mão à cabeça, tentando afastar uma serpente que insistia em lhe picar a consciência.

Sentindo-se terrivelmente culpado, só tinha uma coisa em mente: voltar para casa e para sua Maria Luísa.

O mais rapidamente que pode, organizou suas coisas e foi embora.

Chegou em casa à noite, ainda atordoado. Abriu a porta do quarto e lá estava Maria Luísa, que dormia de bruços. Estava coberta por um fino lençol, que lhe realçava as belas curvas. Aproximou-se para beijá-la.

Foi então que viu: ela tinha o prazer estampado no rosto e, no ombro, uma terrível cicatriz. Ao pé da cama, jazia uma serpente.



Alm estampida



por Ivaldino Tasca

O amanhecer chegou prenhe de futuro. A preguicinha manhosa e doce não a retém na cama. Escova os dentes cantarelhando. Veste-se mergulhando nas coisas da sua alma e alegra-se com a paisagem. A sensação de porvir promissor gratifica. Come banana e mamão, bebe iogurte natural na soleira da porta, observa a pomba rolar afogar três ovos do ninho no galho do butiazeiro (este foi ano de poucos frutos). Seu vulto ouriça o bicho e ela capta como recado de fêmea para fêmea a postura desafiadora na proteção do ninho. Na cadeira de balanço leu o jornal; releu o texto sobre aquecimento global apreensiva sobre o que terá pela frente.

Na metade da manhã, o dia tornou-se esplendoroso. Ao meio dia já passeava nas nuvens de mãos dadas com as fantasias. Almoçou no deque ouvindo sussurros de paz trazidos pelo vento morno que os deuses assopram ao longe e a eufórica cigarra a todo volume. Consumiu três folhas de alface crespa (abusou do azeite de oliva grego, economizou no vinagre de maçã), três fatias de tomate italiano, um peito de frango grelhado, dois copos de suco de bergamota, colhida na hora; nunca a mousse de abacate esteve tão saborosa (desta vez o limão foi na dose exata).

Ao telefone, à tarde, após o cochilo, esparge ao seu mundo a imensa euforia; compartilhou delicadezas, disseminou otimismo. Pelas 17 horas lanchou: bolacha água e sal, geleia de butiá, chá de hibiscos. Foi, até o sol se recolher, fazendo planos, conformando alicerces, tecendo a teia por onde deverá se mover em todas as horas mágicas que prenunciam esse seu porvir que presente perfeito. Conheceu, finalmente, o dia perfeito, sem tirar, nem por. Sente a vida em sua plenitude.

O banho foi morno, sem pressa; as mãos fizeram e refizeram doces passeios cremosos pelo corpo que, desde o amanhecer, acha que está diferente. Mulher não chega aonde ela

chegou sem passar por profundas mudanças no corpo, mesmo que tais mudanças comecem pelo espírito, leu na revista. O corpo está diferente sim, está convencida disso. Sente-o, agora, como um santuário, algo transcendente sendo experimentado; sua mente insistiu em chamar-lhe atenção sobre a nova dimensão do seu corpo. Uma dimensão com traços divinos. Com água fresca abundante as mãos não cansaram de massagear (acariciar) o rosto delicado, os ombros, os braços, o abdômen, os volumosos seios (imaginou-os prontos para a grande missão), as coxas bem torneadas, as pernas esguias.

Além do prazer que lhe proporcionava esse bailado das mãos, queria estar perfeita para o encontro da noite. Meu homem... sorriu ao se dar conta que falara as duas palavras em tom de voz como se conversando com alguém estivesse. Meu homem adorado está agora todo dentro de mim, repetiu, dengosa, feliz com seus dois olhos verdes fixos no espelho. Meu tudo, sou todo sua, também disse. Inebriada falava em voz alta com naturalidade. Enquanto a toalha verde felpuda, presente de seu homem (que agora sentia-o todinho dentro de si – insistiu nesse pensamento), secava seu corpo lembrou da mãe ter relatado os momentos de intenso êxtase quando soube que esperava seu primeiro bebê: justo ela foi esse primeiro bebê. Ainda envolta na toalha felpuda ligou novamente para a mãe e contou dessa lembrança.

Eram 22 horas quando, ainda flutuando, entrou no carro de seu tudo, (iam para o motel). Ela grudou o par de olhos verdes no rosto do homem e sentiu algo bom, muito bom mesmo, algo indescritível. Você está deslumbrante, disse ele. Ela se sentiu deslumbrante. Após trocarem longo e molhado beijo ela deu a notícia:

– Estou grávida, disse botando a mão direita de seu tudo em sua barriga.

– Quem é o pai? – Perguntou ele, assim, sem mais nem menos.

A moça continuou com toda a felicidade do universo em seu ser. Recebeu a manifestação como afago: por se achar desengonçada, desconfiada de seus dotes de beleza, sentiu-se valorizada ao imaginar que o homem que adorava, que o homem que entrara em seu corpo, insinuava que ela poderia ter outro amor. Ainda brincou. Impossível não brincar quando a voz do amor, a luz do caminho esmaga o que a palavra diz. Brincamos para espantar o nervosismo, recuperar o folego diante do surpreendente.

– Bobinho adorado, só pode ser seu...

– Só acredito com o resultado de um de DNA aqui na mão...

Ao se dar conta de que ele falava sério (ele estava com o rosto desfigurado), enlouqueceu. Ficou sem chão, sentiu-se um zero à esquerda, despencou. Lembrou-se de algo que agora, definitivamente, tinha como verdadeiro e que seu pai dizia: nada é pior ao ser humano do que humilhar ou ser humilhado. Mas não chorou, segurou o que ferveu dentro de si. O que lhe veio à mente aumentou a dor: dois dias antes fizeram planos para o futuro, planos para casar, até decidiram que teriam cinco filhos, isso, seriam cinco filhos, três meninos e duas meninas.

Quem é o pai?... Quem é o pai?... Quem é o pai?... A pergunta explode na mente como eco espinhento, com estridência de ferro batendo em ferro; com efeito de cacos de vidros, ela abre o porta-luvas, pega algo e, antes que ele esboce reação, some na escuridão. A última coisa que André ouve, antes da vida se tornar o calvário de hoje, é um estampido.

*Não se
domam cavalos*



por Ivaldino Tasca

Os cavalos fascinam Carmem, encanta-se e encanta aos demais ao falar neles.

Com o fim do casamento, radicaliza: cavalo foi criado para viver solto, absolutamente livre em campo aberto; nada de corda, de buçal, de sela, de carroça, de arado, de cerca, nada de estábulo, de hipódromo.

Exímia amazona deixa de montar por conta da nova convicção; agora só faz afagos. Quando as mãos deslizam no dorso do potro de pelo reluzente e macio, o rosto embevecido libera estranheza na imaginação de quem não a conhece. A mulher dilui libido no animal que afaga, comentou com tom de malícia, na cantina, no veterinário do hipódromo.

Ela desafia alguém a apontar um bicho mais bonito: no cavalo, a natureza não operou com parcimônia, foi superlativa, teve um de seus momentos de pico. Zaino, baio, alazão, rosilho, branco, pintado, tordilho, cor ou raça, nada disso interessa, morfologicamente nada no mundo animal é superior. Em casa toalhas cinzeiros, colchas, talheres, agendas, cadeiras, mesas, cama, enfim, quase todos os objetos remetem ao cavalo. Ferraduraorna o portão do jardim. A coleção de miniaturas comprova a obsessão.

Quando enxerga um cavalo, Carmem enxerga mais do que cavalo. Filósofa: o cavalo incorpora, como nenhum outro ser vivo, o mais elevado ideal de beleza, de liberdade sem freio, de virilidade, de força, de postura nobre, de coragem, de elegância, de altivez, de amabilidade, de doçura. Exagero? E ela se importa? A elegância despretensiosa ao mover o pescoço para espantar insetos, o timbre do relincho, o andar dolente ao pastar, o galope com soberba, a imponência dócil ao se aproximar da cria, o olhar desafiador ao encarar o estranho, o bufar de valentia ao amanhecer, o porte ao estacar diante de movimento brusco, tudo é especial num cavalo. Nada é mais

típico do vigor da natureza pulsando do que o encontro do macho com a égua, sentença.

Tem informações para falar horas sobre o animal.

Provocada, despeja: o bicho vem de linhagem evolutiva com cerca de 60 milhões de anos: o cavalo (do latim *caballu*) é um mamífero hipomorfo, da ordem dos ungulados, uma das três subespécies modernas da espécie *Equus ferus*. Carmem perde o fôlego ao descrever que é um animal social, vive em grupo liderado por matriarca, que usa elaborada linguagem corporal para se comunicar. Garante conhecer a linguagem.

Ah, sim o cavalo entrou no Brasil após 1.500!

Que outro animal, desafia com a face coberta de empáfia, teve papel tão preponderante para a epopéia da humanidade na face da terra? No transporte de carga ou passeio, na agricultura, no laser, no jogo, nas aventuras, nas conquistas, na guerra ou como agasalho, alimento, companhia. Ainda fala sobre cavalos marinhos, cavalos alados...

Por quais razões a garota que adorava montar se torna mulher que só afaga o bicho? Nem as amigas íntimas, que compartilham detalhes tórridos e sórdidos da relação, sabem. Só arriscam palpites: mescla de culpa e arrependimento oriundo do comportamento comum do humano que deseja submeter tudo à sua vontade, conformar todas as coisas ao seu bel prazer, moldar aos seus caprichos o que crê ser importante como se fosse rei da natureza. Garantem, porém, que tal mudança de atitude ocorreu após o divórcio.

Casou ao ser engolfada por jovem que se enquadrou naquilo que o cavalo representava em sua peculiar visão de mundo: o mais elevado ideal de beleza, de liberdade sem freio, de virilidade, de força, de postura nobre, de coragem, de elegância, de altivez, de amabilidade, de doçura.

Tudo foi rápido, como tudo é rápido quando se trata da química das relações humanas movidas pela paixão. Na imaginação fértil e febril de mulher deslumbrada pelos eflúvios dos sentimentos estrondosos que o jovem nela desencadeou, certo dia o cavalo se fez homem e se apresentou diante dela, como se descesse do Olimpo com a missão de levá-la às alturas. Sim, exagero, mas plausível no contexto da sua magnífica retórica obsessiva: psicologicamente o cavalo é o símbolo da natureza instintiva.

Entre o Olimpo e a terra existem mais conexões do que a imaginação ousa perscrutar: perplexa, possivelmente, por, de um lado, obter tanto da vida sonhada; de outro, asfixiada por descomunal e comumente inextricável sentimento, o ciúme que brotou a galope edificou labirintos ao redor do marido sem se dar conta da transformação que nele produzia. Ele, também envolvido no turbilhão, foi aceitando, deixando correr até que ela constatou que o homem com quem vivia não era o homem com quem casara. Ele também já não se reconhecia e, às vezes, ficava perplexo ao constatar no que Carmem o havia transformado.

Foi doloroso admitir que agira solertemente para moldar o marido ao seu gosto, do jeito que fazia com os cavalos em seus galopes, com o rosto ao vento na coxilha verde. E esse seu novo homem, feito sob sua vontade, não lhe agradava; o outro, aquele que viera ao acaso, era o que sonhara. Lição dolorida, como todas do empirismo. Por isso mudou: agora defende que jamais se deve domar o cavalo. Cortando-se suas asas, Pegasus deixa de ser Pegasus, ou seja, cavalo domado é animal que deixa de ser cavalo porque sua natureza foi violada. A doma tira a essência daquilo que faz o cavalo ser cavalo e não outra coisa qualquer, e o que fica, ou sobra, depois da doma, é o vácuo, é o não cavalo...

*A
homenagem*



por Ivaldino Tasca

Candelabro acordou mais cedo, amanheceu engalanada. Efervescente, de sorriso fácil. Postes e meios-fios caiados, bandeirolas amarelas, vermelhas e roxas à Volpi trouxeram cara de festa de São João à pequena cidade. As lojas da avenida estão com as vitrines enfeitadas para o evento. O Altar da Pátria ganhou pintura nova para os discursos após o desfile.

Ontem a banda marcial de Carreta Quebrada, cidade vizinha, levou metade da população às ruas no afinadíssimo último ensaio para puxar o desfile colegial que abre os atos oficiais de hoje; para alívio geral as negras nuvens matinais se dissiparam rápido, o sol se postou impávido com toda aquela imponência que cerimônia dessa envergadura requer. Donos de bicicletas e pandorgas de todas as idades curtiram a deliciosa manhã.

O prefeito determinou ponto facultativo (ao finalizar o decreto justificando tal medida sentenciou, ao se referir ao homenageado: “fortuna audaces sequitur”); os três deputados que representam essa progressista região produtora de grãos na Assembleia chegaram cedo, um lerá a mensagem do governador “ao ilustre filho do bravo povo candelabriano”; a missa do final da manhã na Matriz lotada teve caráter solene e o pároco caprichou na fala, sua voz tonitruante bradou aos pais do homenageado em momento de grande silêncio na nave: “arbor bona fructus bonos facit”; o casal deixa rolar grossas lágrimas.

A emissora da cidade vizinha, líder em audiência, está a postos desde o amanhecer com seu time principal de repórteres para transmitir ao vivo; no noticiário das 12,30 horas fez resenha dos acontecimentos da manhã; as carrocinhas de churros, de pipoca, de chá mate e de cachorro-quente estão, como no Sete de Setembro e no Dia do Município, estrategicamente colocadas na avenida por onde passará o desfile com início para às 15 horas.

O Bar Brasil, ao lado da Igreja, nunca reuniu tantos por tanto tempo; os do contra e os adeptos da homenagem se revezam em falas acaloradas consumindo caipirinha, cerveja, conhaque, cachaça com bitter, ovo de codorna, picadinho de mortadela, pepino e queijo colonial. O mais exaltado é o candidato a prefeito derrotado na última eleição. Na tonalidade que a língua assume na sexta caipirinha, esbraveja: “isso é um escárnio, chacoalhar o mundo só porque o Petico de Candela-bro (nome artístico do poeta Aresteveldo de Bragança e Silva) teve um e-mail lido pela Fátima Bernardes na Globo?”

A possibilidade de um agarra-e-solta-e-agarra se desfaz quando gritam: olha o desfile do Piteco. O Bar Brasil se esva-zia para ver a banda passar...



*Alma noite na
Academia*



por Julio Perez

O acionamento dos botões só fazia a porta ir e voltar, escancarando-lhe a face do vazio, onde o facho da luz interna iluminava uma parte do chão batido e das vigas de concreto que sustentavam o primeiro piso.

O elevador havia travado no subsolo do edifício.

Bem haviam lhe dito não apertasse o térreo. Aquilo iria até o fim e poderia não subir, como de fato aconteceu.

A solenidade havia terminado, e o elevador havia cumprido a sua função, até o momento em que ele decidiu descer por ele uma última vez. Era bem possível que ninguém desse por sua falta.

O edifício da Academia já fora sede do Partido Republicano de Passo Fundo. Muitas histórias haviam testemunhado aquelas paredes. Possivelmente o subsolo escondesse os restos mortais de alguma das vítimas daqueles tempos, quando era comum que as disputas políticas fossem resolvidas a bala e a faca. Revolução Federalista de 1893, Revolução de 23, de 30, de 64.

Temia ter de passar uma noite ali, ouvindo o eco desses tempos reverberarem nas antigas paredes.

Aquilo começava a enchê-lo de pavor.

Começou a se sacudir para ver se o elevador voltava a funcionar. No tranco. O compartimento balançava. Parecia haver uma folga entre a caixa do elevador e o motor, embaixo. Após algumas tentativas, a porta se fechou e o elevador começou a subir.

Que alívio ouvir de novo as vozes vindo lá de cima!

Subiu até o auditório onde havia deixado a todos. Quando a porta se abriu, no entanto, percebeu que, ao contrário do que havia imaginado, a sessão não havia terminado. Parecia estar apenas começando.

“Nós, reconhecendo o valor que as letras têm na for-

mação moral, cívica e intelectual do povo, e querendo contribuir à grandeza de nossa Pátria, pelo pensamento e pela ideia, resolvemos fundar um Grêmio Literário, que tomará o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras...”.

Que estranho! Quem são essas pessoas?! Pegou-se pensando ao se aproximar da mesa, onde os trabalhos estavam sendo conduzidos por pessoas que ele não conhecia, para uma plateia que ele também não conhecia, embora os seus rostos não lhe fossem de todo estranhos, afinal ali estavam, no centro da mesa, coordenando os trabalhos, Sante Uberto Barbieri, o mesmo que há pouco havia pronunciado aquelas palavras. Ao seu lado Arthur Ferreira Filho, o primeiro Presidente do sodalício, prefeito nomeado pela ditadura Vargas, encarregado de redigir a ata. Gabriel Bastos, o autor de Atlântida, com os olhos perdidos no vazio, provavelmente pensando no enredo do seu próximo romance.

Na plateia, entre outros, Gomercindo dos Reis cochichava alguma coisa no ouvido de Celso Fiori, enquanto Túlio Fontoura revisava o que parecia ser um discurso que o deputado Nicolau Vergueiro lhe havia pedido que publicasse excertos em O Nacional. Francisco Antonino Xavier, o pai da história de Passo Fundo, com o queixo apoiado no castão da sua bengala, era o único que prestava a atenção no discurso de Sante. Personagens da história da cidade. Todos mortos! Tão vivos naquele momento.

Beliscou-se para se certificar: não estava sonhando. Ele acabava de presenciar a sessão de fundação da Academia Passo-Fundense de Letras, naquele primeiro momento – 1938 – denominada Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Ao final, se levantaram e entoaram o hino nacional, com grande solenidade. Assinaram a ata, encerrada pelo Secretário Geral e deram-se as mãos, felicitando-se. A próxima

reunião foi marcada. Ele sabia a história: 12 de abril. E foram saindo, trocando impressões sobre leituras e escritos, outros mais reservados, preferindo o silêncio dos seus pensamentos. Exatamente como acontecia até hoje.

Acompanhou-os na saída, quando foi detido por um outro evento. Uma reunião do Partido Republicano, no primeiro piso:

“Os maragatos estão organizando uma grande confraternização para receber o Dr. Assis Brasil. Penso que Clube deve proceder a uma contraofensiva, para mostrar quem manda nessa terra.”

“Não acho que seja uma boa ideia. Os ânimos de 93 ainda não foram serenados. Não é do agrado do Dr. Borges que reabramos velhas feridas” – ponderou o Dr. Vergueiro em resposta à sugestão de Gabriel Bastos.

Nesse momento, Vergueiro dirige-se a uma das conversadeiras e é ovacionado pelo povo, do lado de fora, muitos a cavalo, sobre o leito então de chão batido da Avenida Brasil. Antonino Xavier, ao seu lado, começa a fazer a saudação ao novel líder empossado, no lugar do falecido Cel. Gervásio Annes, em 1917.

No interior do Clube, todo iluminado, grande movimentação de senhoras, organizavam o que parecia ser um sarau, acompanhado de um chá.

Lá fora, o povo entoava o lema do Clube:

Um por todos, todos por um!

Sentindo-se intimidado pelos brados vindo de fora, retrocedeu para o interior do Clube, quando um outro ato começava a se organizar:

“Declaro aberta a sessão e de imediato convido ao acadêmico Artur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Rio-grandense de Letras, para presidir a esta sessão de instalação da

Academia Passo-Fundense de Letras...”

Estava em 1961, quando o Grêmio Passo-Fundense de Letras passou a se denominar Academia Passo-Fundense de Letras, por sugestão de Celso Fiori, lendário advogado, seu primeiro Presidente.

Ainda pode ouvir a estrofe final do acróstico proferido por Gomercindo dos Reis naquela ocasião:

Lutar e repelir o mau poder,
Esse que ao povo e à pátria causa danos,
Tratarás na tua memória até morrer!
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:
A força do direito há de vencer
Sobre o direito da força dos tiranos!

Voltou ao auditório, a última peça reconstruída depois que a construção original ruiu, durante os anos 1980, só terminando de ser reerguida em 2007 e reencontrou os confrades da solenidade daquela noite, quando efetivamente davam por encerrados os trabalhos, no momento em que o orador finalizava o discurso de posse dos novos acadêmicos.

Entre os componentes da mesa, ele mesmo.

“Fomos feitos de barro, mas o deus do sopra soprou sobre a argila, resultando alguém frágil e ao mesmo tempo divino, pois a partir de então podemos falar como falam os deuses...”.

Após entoarem o hino e assinarem a ata, encerrada pelo Secretário Geral, a mesa foi desfeita. E, enquanto uns já começavam a sair, preferindo a solidão dos seus pensamentos, outros ficavam mais um pouco, dividindo entre si as angústias da criação literária ou trocando impressões sobre algum livro

que estavam lendo ou escrevendo, como o Xico que, naquele momento, veio lhe perguntar o que havia achado do seu último poema, a sair em próximo livro.

O Presidente, em particular, incitava-os para que não esquecessem as matérias para a próxima edição da revista. Mais distante, dois animados acadêmicos interagiam com um grupo de estudantes, explanando a ideia de levar a Academia para dentro das escolas, de forma a tornar conhecida pelos alunos a literatura que se produzia em Passo Fundo.

A cena lhe era familiar, afinal era a mesma que ele tinha visto diversas vezes naquela noite.

À saída do auditório, a boca do elevador imóvel, permanecia aberta, como um convite a uma nova viagem.

Por precaução, preferiu a escada.



*Estrada
maldita*



por Julio Perez

A noite estendia-se calma e silenciosa a minha frente. Havia lua e nuvens que a obscureciam de vez em quando. Àquela hora, pouco movimento. Estava contrariado por ter de voltar para casa depois de um dia cheio, mas ela foi irredutível: não queria que eu passasse a noite fora. Por isso, depois da solenidade, tive de pegar a estrada.

Não estava acostumado a dirigir à uma hora daquelas. Era madrugada. Apenas a primeira hora da madrugada, mas madrugada, quando a noite perde a inocência e tudo parece possível. Ao pensar nisso, uma sensação estranha tomou conta de mim. Eu estava sozinho, mas era como se uma presença me acompanhasse, uma presença maligna, nascida das sombras e da solidão. Imagens começaram a se insinuar. Cenas evocadas por filmes e leituras diversas, como se algo tivesse se materializado ao meu lado, no banco do carona.

Fixei-me na estrada, temendo, e ao mesmo tempo achando-me ridículo por temer voltar o rosto para o lado. Parecia-me que se o fizesse daria substância a meus temores. Aumentei o volume da música, procurei me distrair e, para provar pra mim mesmo que aquilo não passava de um produto da minha imaginação, passei o olhar para o lado.

Ao fazê-lo, não tive tempo de reagir. Havia alguma coisa caída no asfalto, depois da curva. Parecia um corpo. Era grande. Passei por cima. Houve uma batida no pneu direito e embaixo. Por sorte estava com a camionete. A altura e a estabilidade do veículo permitiram-me seguir adiante. Se fosse um carro menor teria me acidentado.

O que era aquilo? Pensei em parar, mas a estrada estava deserta e àquela hora não achei que fosse uma boa ideia. Lá fora estava frio e escuro. As nuvens haviam definitivamente escondido à lua. Temia não enxergar nada e ainda me expor ao risco. Também já havia me afastado muito.

Pelo retrovisor não conseguia ver nada. À minha passagem, o breu fechava-se sobre a estrada.

Teria atropelado alguém?

Talvez um bêbado que tivesse caído sobre a faixa ou alguém que agonizava após uma primeira colisão. A ideia de haver passado sobre o corpo de uma pessoa, viva ou morta, me perturbava.

Contudo, a solidão e a madrugada tinham arrefecido meus escrúpulos, fazendo-me crer que aquela noite não teria fim, nem aquela estrada e que ambas me afastariam do que tivesse acontecido ali.

Não havia porque me preocupar. Ninguém ficaria sabendo. Por outro lado, um resto de razão ainda me dizia que era absurdo pensar daquela forma. Eu podia ter atropelado alguém e esse alguém teria nome, uma história e pessoas queridas que o esperavam em casa, como afinal me esperavam também. Mas não sei explicar. O Mal parecia presidir aqueles acontecimentos.

Acabei tocando em frente, procurando fixar meus pensamentos em casa, no quanto ainda faltava para chegar e aquele vulto afinal não teria passado de um bicho, um cachorro grande, já atropelado, como costumamos ver na estrada. Em casa eu veria a extensão do estrago no veículo. Isso me daria uma noção mais justa do que poderia ter sido.

Voltei meus pensamentos para a solenidade. Eu havia sido convidado para ser jurado de um concurso de oratória e declamação em Chapecó, Santa Catarina. Eu não sabia que ela ia estar lá. Ela não havia me dito que iria, quando a convidei. Só depois fui saber que ela tinha ido. Não a vi na plateia. Os holofotes estavam voltados para o palco. Quase não víamos o público na obscuridade. Eu estava concentrado nas apresentações, afinal estávamos ali para julgá-las. Faziam parte

da banca, além de mim, duas mulheres que eu não conhecia. Achei-as esnobes. Não consegui me entrosar com elas. Acho que seria importante trocarmos impressões durante as apresentações para ir balizando nossas avaliações, mas não deram abertura.

Na saída, recebi uma mensagem no celular: “Adorei ver você!”.

Não quis retornar, pois havíamos combinado que não trocaríamos mensagens nem ligações que pudessem nos pôr em risco. Temi que ela já estivesse em casa. Falaria com ela depois, mas fiquei decepcionado por ela não ter vindo falar comigo.

Sabia o quanto ela sofria. Infeliz no casamento, vivia há anos com um homem que não a valorizava. Tinha sido o meu primeiro amor. O destino nos separara. Nos reencontramos após muitos anos, através do facebook. Começamos a nos corresponder até que o reencontro foi inevitável.

No começo, hesitamos. Havia se passado muitos anos, mas depois de um tempo retomamos a intimidade que sempre havíamos tido. Acho que era minha verdadeira alma gêmea, mas ainda alimentava a mágoa por ela não ter ficado comigo. Antes de se casar, eu a havia procurado, depois de algum tempo sem vê-la. Eu tinha saído de Chapecó para estudar em Porto Alegre. Minha situação estava mudada e poderíamos ficar juntos, mas ela hesitou e as coisas acabaram tomando outro rumo. Agora mais uma vez o destino nos aproximava, mas... era como se eu a quisesse punir por ter me trocado. E eu tinha uma família. Não podia jogar tudo pro alto.

Levei ainda uma hora para chegar.

Em casa, sob a luz da garagem, chequei a frente e a lateral da camionete. Nada, aparentemente. Olhei por baixo, mas estava escuro. Não consegui ver se havia alguma mancha

de sangue ou mesmo algum fragmento do corpo. Quem sabe por essas evidências poderia avaliar o que havia atropelado.

Melhor seria esperar até amanhecer, para ter certeza.

Não comentei nada com Eloísa. Deitei-me ao seu lado – ela já dormia – e a abracei para confortá-la de que havia chegado bem. Contudo, não consegui dormir. Estava ainda com a adrenalina da estrada e da noite. Levantei, tomei um vinho e assisti um pouco de TV. Pensei novamente nela e o que poderia ter acontecido para ela não querer vir me falar.

Acalmei-me e afinal pude dormir, mas dali a pouco já seria dia. Estava definitivamente contrariado por ter tido que atender ao capricho de Eloísa que não queria passar a noite sozinha e, ademais, ela nem havia me esperado. Não faria diferença nenhuma eu ter chegado de manhã. Vá entender as mulheres!

Tive um sono agitado. Sonhei que passava por cima de um corpo vivo que na hora levantava a mão para me pedir socorro. Acordei com o impacto da porta do quarto, aberta abruptamente por Eloísa.

Passado o susto do pesadelo e de banho tomado, fui até a garagem checar mais uma vez o veículo. Tive que tirá-lo da garagem para a luz do sol, para conseguir ver melhor. Disse para Eloísa que tinha atropelado um cachorro e precisava ver se tinha estragado alguma coisa embaixo.

A imagem do sonho, agora, ajudava a me aterrorizar: alguém que eu abalroava, deitado no chão, justamente no momento em que levantava uma das mãos para tentar me deter ou pedir socorro.

Embaixo do carro, havia sangue e, na proteção do motor, alguma coisa havia aderido. Pareciam pedaços de pele e tufos de pelo. Ou seriam de cabelo? Não quis retirar. Não tinha luvas em casa, também não queria assustar Eloísa. Pensei em

mandar lavar o carro, mas antes precisava checar aquilo.

Liguei a TV e o rádio atrás de notícias. Perguntei se ela sabia de alguma coisa. Como ela levantara mais cedo, talvez pudesse ter escutado no noticiário da manhã. Ela quis saber o porquê daquela curiosidade. Estranhou a pergunta, mas eu desconversei.

Fui trabalhar à tarde e deixei o carro no estacionamento. Aquilo, porém, não me saía da cabeça. Vasculhei sites de jornais da região para ver se descobria alguma coisa, mas nada. Nenhuma evidência de que alguém havia sido atropelado naquela madrugada.

Não conseguia me decidir o que fazer: mandar lavar o carro ou fazer uma checagem melhor do que eram aqueles restos sob o veículo? Decidi verificar. Comprei umas luvas de látex e fui até a garagem recolher o material.

Consegui recolher restos de pele e tufo de pelos. Pretos e curtos. Tanto poderiam ser efetivamente pelos como cabelo humano. Não era possível dizer do que se tratava. Não tinha, contudo, onde guardar. Achei que um exame visual aplacaria minhas dúvidas, mas aquilo só fez aumentá-las. Precisava fazer um exame, de DNA, provavelmente, mas onde conseguir aquilo sem levantar suspeitas. E se fosse humano, a polícia não teria de ser comunicada?

Usei as próprias luvas para guardar o material, invertendo-as na hora de tirar, deixando dentro a amostra recolhida. Embarquei no veículo e deixei-o no posto para lavar. As luvas, guardei-as sob o banco. Pedi que lavassem apenas por fora e embaixo, especialmente.

No fim do dia, quando fui buscar o veículo, o responsável pela lavagem me entregou as chaves com um ar de desconfiança:

– Atropelou um bicho grande, hein, doutor?

– Ah? Como?

– O carro. Tava todo sujo de sangue por baixo.

– Ah, sim, um cachorro, ontem à noite, no asfalto.

– Ah, sim. Mas tinha uma coisa ali que não parecia de bicho, não.

– Como assim?

– Uns restos de pano. Pareciam uns rasgos de roupa. A menos que o bicho tava de roupa, não é mesmo, doutor? – disse-me, estudando.

– É, vai saber. Hoje em dia esse pessoal tem mania de por roupa até em bicho.

– É...

Dei-lhe um sorriso amarelo e peguei minhas chaves.

Aquilo começava a me perturbar. Precisava me acalmar. Não podia chegar em casa com aquela cara.

Parei num bar e pedi uma dose dupla, de conhaque. Ao consultar as horas no celular, havia uma mensagem.

Era ela.

“Por que você não me respondeu?”

Percebi que ela se arriscava. Pensei em responder-lhe, mas àquela hora o marido provavelmente já estaria em casa e ela havia me mandado a mensagem há mais de uma hora. Devia ter-lhe enviado um e-mail, de tarde. Mas, com o que acontecera... me esqueci. Apaguei a mensagem e registrei mentalmente que precisava lhe mandar uma resposta.

Cheguei em casa um pouco alto. Eloísa notou:

– Você bebeu?!

– Parei para tomar um conhaque. Hoje o dia foi punk no escritório.

– Uhn!

Ela não gostava quando eu bebia. Lembrança dos tempos de solteiro quando eu aprontava depois de beber. Há

muito tempo eu não fazia mais dessas, mas as marcas tinham ficado.

– Você mandou lavar o carro?

– Mandei, por quê?

– É que ele está pingando e molhou toda a garagem.

– Ah, não havia notado.

Será que ficara marcas de sangue?

Devia ter perguntado para o cara da lavagem se havia muito sangue mesmo. Acho que ele não me contou toda a verdade. Avisaria à polícia? Imagino que a polícia deve ter contato nesses lugares. Quando acontecem atropelamentos, normalmente as pessoas mandam lavar o carro. É a primeira reação e a mais fácil para descobrir os responsáveis. Mecânicas e chapeações também são lugares certos para investigações. Já me imaginava sendo levado algemado de casa. As notícias correriam e minha reputação estaria arruinada.

Divagava quando Eloísa chamou-me para jantar. Estava achando estranhas minhas atitudes desde a véspera. Eu andava muito pensativo e alheado.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não, por quê?

– Não sei, estou te achando estranho. Está ainda chateado por eu ter te pedido pra voltar ontem.

– É claro, né! Dirigir de madrugada não é pra ninguém. Ademais, já não sou um guri e ainda por cima esse atropelamento.

– Atropelamento?!

– É, desse cachorro. Quase fui parar fora da estrada.

– Mas foi grave assim? Não sabia... por isso tu mandaste lavar o carro? Tinha muito sangue?

– Tinha. Pelo que o cara da lavagem me falou.

– E como é que foi.

– Ele tava no meio da pista. Não deu pra desviar.
– Mas era um cachorro mesmo?
– Por que essa pergunta?! É claro que era!
– Não, é que de noite... sabe como é que é? É difícil de enxergar.

– Você está querendo insinuar alguma coisa?
– Não! Como assim? Pra quê essa agressividade toda?
– Ah, também, já não basta ter-me feito voltar, agora ainda essa desconfiança.

– Mas que desconfiança, homem? Do que tu tá falando?

– Nada, porra!!!

Levantei-me da mesa, sem ter tocado na comida. Fui para o quarto trocar de roupa. Precisava tomar um banho.

Tinha que decidir o que fazer. Aquilo estava escapando ao meu controle.

No dia seguinte, tomei uma decisão: ir até o local do acontecido. Ver se descobria alguma coisa. Poderia sair de manhã e voltar à tarde. Pretextaria um motivo para não almoçar em casa, afinal nossa relação já estava meio conturbada. Me faria de magoado pelas suspeitas dela. Almoçaria no centro.

Fui até o local. Ficava há uns 80 quilômetros. Calculei que fosse ali. Conhecia bem aquela estrada. Ficava depois de uma curva, sob algumas árvores que margeiam o caminho, fazendo uma espécie de cobertura sobre o asfalto. Havia sol. Podia fazer uma verificação completa.

Sobre o asfalto, marcas de sangue. De fato tinha sido ali. Causou-me comoção constatar a materialidade do ocorrido. Agora sob a luz do sol, parece que aquilo ganhava outra dimensão: eu podia ter matado alguém.

Procurei em volta para ver se avistava algum sinal de vida, alguém que pudesse ter presenciado aquilo, ter sido o primeiro socorro da vítima, mas nada. Não havia evidências

de uma viv'alma. A cidade mais próxima era Erechim. Talvez tenha sido o primeiro socorro. Podia ir até lá, investigar, afinal tinha o dia pela frente.

No meio do caminho lembrei que tinha de dar uma resposta a ela. Teria que fazer isso pelo celular, onde tivesse sinal, obviamente, pois estava no meio do nada. Parei num posto que tinha sinal Wi-Fi. Consegui me conectar. Pensei no que dizer. Não estava com cabeça para aquilo, mas precisava. Pensei que poderia vê-la, afinal Chapecó não estava longe. Podia, quem sabe, desabafar com ela. Éramos, por assim dizer, de certa forma, cúmplices. Enganávamos nossos parceiros. Parece que isso nos dava outra dimensão de possibilidades. Afinal, mandei a mensagem. Se ela podia me encontrar. Precisava esperar o retorno, antes de tomar a estrada novamente e decidir meu destino.

Não demorou a resposta. Era positiva.

Disse que estava a caminho. Combinamos onde nos encontrar. Um posto de combustível no centro da cidade. Ela não dirigia. Tinha de pegá-la lá.

Aquilo de certa forma me aliviava. Precisava contar para alguém. Estava começando a enlouquecer com essa história. Não podia lidar com isso sozinho. E com ela, sentia-me estranhamente à vontade para isso.

Avistei-a, à distância. Usava óculos escuros. Estava na loja de conveniência comprando alguma coisa. Parece que havíamos chegado juntos. Parei junto à bomba para disfarçar. Tive de abastecer, pois o frentista, solícito, chegou para me atender. Dali ela me veria com certeza.

Uma vez no carro, precisávamos nos afastar. Rumamos ao motel que costumávamos frequentar. Estava feliz por vê-la novamente. Ela também. Tínhamos a tarde pela frente. Podíamos conversar à vontade.

– O que te deu em vir no meio da semana? Tens compromisso na cidade?

– Precisava te ver. Por que não vieste ao meu encontro naquela noite?

– O lugar estava muito cheio. Conheço muitas pessoas aqui. Poderiam nos ver juntos.

– Uhn...

Éramos dois clandestinos. Podíamos andar por terrenos que outras pessoas normalmente evitam. Por isso, depois de fazermos amor, contei-lhe com naturalidade o que havia acontecido, as minhas preocupações. Precisava saber o que ela pensava daquilo. O que eu poderia fazer. Embora eu fosse advogado, precisava ouvir o julgamento de uma pessoa comum. Qual o sentimento ético que ela tinha sobre o fato. Ela era, por assim dizer, o meu tribunal do júri.

– Acho que você deve esquecer isso. Foi um acidente.

– Sim, mas eu poderia tê-la socorrido.

– Você temeu por sua segurança, e ademais achou que havia atropelado um animal.

– Mas o fato é que não era um animal. Era uma pessoa!

– Mas tu não sabias disso.

– Mas agora eu sei! Como é que eu convivo com isso, em paz?

– Você se questiona demais. Você deve esquecer e tocar tua vida. Não há alternativa.

– Há.

– Qual?

– Eu me entregar.

– Eu não sabia que você tinha esse tipo de pensamento.

– Que tipo?

– Tão ético?

– Eu sou um advogado. Tenho que defender a lei.

– Não, você tem que defender o teu cliente.

– Mas eu vivo da lei e eu devo respeitá-la. Se eu agir diferente é como se eu dissesse pra todo mundo que descumprir a lei é legal.

– E o que nós estamos fazendo, não é de certa forma o pior dos descumprimentos legais – ou morais – que o seja: a traição?!

Preferi não responder, pois sabia que ela tinha razão. Quem era eu, afinal, para vir manifestar pruridos de consciência numa hora dessas?

Voltei, finalmente, para casa, aliviado por ter dividido com alguém aquele fato, mas não sabia ainda até que ponto aquilo havia adiantado, afinal, havia zonas da minha vida que ainda tinham de permanecer na sombra.

Acabei me atrasando para chegar em casa. Calculei mal o tempo de retorno. Havia congestionamento na entrada de Passo Fundo.

– Por onde você andava?

– Trabalhando, ora!

– Mas eu liguei pro escritório e o pessoal disse que você não apareceu por lá hoje.

– Tive que atender um cliente fora de Passo Fundo. Passei o dia envolvido com isso.

– E pra quê o celular desligado.

– Fiquei sem bateria.

– Você anda muito estranho ultimamente.

Ainda bem que havia pensado em tudo. Eloísa andava desconfiada. Não queria contar-lhe o verdadeiro motivo da minha aflição. Temia fazê-la minha cúmplice.

A minha tentativa de investigação em suma resultara em nada. Uma mancha de sangue no asfalto, afinal, não queria dizer muita coisa. Poderia bem ser de uma pessoa ou de um

animal. E em Erechim não fiz qualquer investigação.

Acho que meu juízo acabou sendo obscurecido por ela. Pela possibilidade de vê-la novamente e de desabafar com alguém. Precisava ligar para o cartório de Erechim, saber se alguém havia registrado algum óbito por atropelamento nos últimos dias.

Até lá, tinha que acalmar Eloísa e isso passava por fazer amor com ela. Têmia, no entanto, brochar na cama, depois daquela tarde.

A situação estava ficando insustentável.

No dia seguinte, liguei para Erechim. Não tinha havido nenhum registro de óbito por atropelamento por aqueles dias, mas o atendente me alertou que a polícia estivera ali informando que havia um corpo não identificado no necrotério. Não soube dizer a causa da morte, mas se soubessem de alguma coisa, deveriam avisá-los, pois talvez um familiar aparecesse procurando informação.

– O senhor, por acaso, é familiar dessa pessoa?

Desliguei na hora.

Estava tudo esclarecido. Eu havia matado alguém! Alguém não identificado, mas ainda assim alguém. Logo ele seria reconhecido por conta das impressões digitais. O bastante para me tornar um criminoso.

Por que eu não havia parado o veículo aquela noite? Tudo poderia ter sido esclarecido. Mas a madrugada e a solidão fizeram-me crer que eu ficaria impune. A impunidade, no entanto, durou apenas o tempo daquela noite. Com o dia, tudo se transformou.

Precisava confessar aquele crime.

No dia seguinte, fui a Erechim e me entreguei.

Hoje, respondo ao processo em liberdade.

Alguns dias depois, encontrei as luvas de látex sob o

banco da camionete, com a amostra que havia colhido no dia seguinte ao acidente. Não me lembrava desse material. Pensei em jogar fora, mas então, já sem o receio de ser pego, pedi o exame de DNA.

O resultado acaba de chegar. Abro o envelope.

Parece que o Mal, apenas pressentido naquela noite, continua a presidir a esses acontecimentos.

O teste é categórico: não humano!



*Joana
e a cola de Luizinha*



por Marisa Potiens Zilio

Vou narrar uma história de minha infância, dizia um velho muito velho, nascido num cantão do Brasil. Podem não acreditar. É, de fato, uma história de uma mulher, que é de não acreditar.

É uma história antiga. Minha avó contava.

Como começa mesmo? Deixem-me lembrar.

Era uma vez... e depois? Vamos lá.

Era uma vez uma família feliz. Três lindos filhos, saudáveis.

A casa estava cheia de gente, de amor e de alegria. Maravilhosa a casa de Joana. Se bem me lembro, assim se chamava aquela senhora. Posso estar inventando, mas não invento o principal. Num dia desses da semana vieram juntar-se, os avós, os tios e os sobrinhos de Joana. Mais que tudo vinham os amigos. Ela e o marido Aparício tinham muitos amigos. Era de ver a festa em que se transformavam as reuniões mais simples.

A casa tinha aquele gostinho de amor, de amizade que parecia um grande bolo açucarado. Até Joana brincava dizendo haver perigo de os amigos terem diabete.

O avô, pai de Joana, era muito, muito especial. Tinha uma alegria de vida contagiante! Tudo virava uma piada na sua mente, na sua boca. Era um avô pra valer, alegria dos netos. Um lavabo, com carpete vermelho, ganhou de pronto seu apelido: este é o pinico de veludo. E se ria todo o velho avô. E as histórias, então. Os netos riam só de ver o vô falar.

Para dormir, que gostoso, um acampamento para as crianças! E vinham, então, monstros e anjos misturados em sustos e salvaçãoes. Um dos netos, o Francisco, perguntou por que ele não trabalhava? Porque faço chover dinheiro, brincava o velho avô.

Pior, Francisco acreditou. Foi tirar satisfação, pergun-

tando ao pai como é que o avô fazia pra chover dinheiro. O vô só está brincando, respondeu o pai Aparício. Ele está aposentado. Um dia vou te contar, filho, o quanto o vô trabalhou. Joana ficou preocupada com as fantasias de seu pai. E se dissesse ao Pipo Elias, o menorzinho, o mais ousado em tudo, que ele costumava voar montado nas nuvens. Deus me livre meu pai estimular o pequeno desse jeito. Seria capaz de querer imitar o velho, acabando por cair de uma janela.

Joana, professora que era, trabalhava em três escolas. Vida dura a de professora, pois, juntando seus dinheiros com o do marido, mal dava pra pagar a prestação da casa, do carro e a comida. E a pequena Cibele já nascera cheia de orgulho feminino, sempre de olho na moda infantil.

Numa das tardes, a caminho da escola, deu carona para duas colegas.

– E daí, você não quer mais filhos?

– Negativo, temos três e mal damos conta!

Surpresa?! E que surpresa! Mal lembrava Joana de ter dito, tempos atrás, de seu desejo de ter mais um. Quatro é o ideal, foi dito sem muito pensar. Mas as colegas não esqueceram. Poucos dias depois levaram Joana a ver uma pequena criatura. Uma irmã avisara a uma das colegas de Joana do nascimento de uma menina. E lá se foram ver a linda criatura.

A irmã já esperava louca pra proteger a criança. A mãe biológica queria fazer a doação por falta de recursos.

– Tenho um bebê para você – falou a irmã, se dirigindo para Joana.

– Irmã... – Nem acabara de falar, não teve como terminar a frase. Olhou a cestinha e dentro dela uma vida querendo alguém. Se atrapalhou toda, mas lembrava, era um lindo dia! O sol brilhava como nunca. Fim de agosto.

– Irmã – falou Joana – tenho que falar com Aparício.

Amanhã dou a resposta. –Ela espiou o rosto da pequena dentro da cesta. Não, pelo amor de Deus, não posso nem olhar. Ela já podia sentir aquele bebê em seus braços.

Naquele dia, tiveram, em especial, muitas visitas que permaneceram até bem tarde da noite. Joana pediu orações para melhor acertar numa decisão a ser tomada. Era coisa a ser decidida a dois.

Ao deitar... Chegou a hora, pensou Joana. Aparício estava cansado, não poderia dar a devida atenção.

Então ela sonhou um sonho muito lindo e assustador. Joana carregava uma criança no colo, desfalecida. Pedia ajuda. Até que encontrou um grande, enorme colo e nele aconchegou a criança. Ela ressuscitou!

O sonho deu-lhe uma certeza: este bebê teria que ser dela. Acordou o marido. Fez do sonho uma realidade familiar. Aparício, ainda tonto de sono, concordou.

Na manhã seguinte, com a família reunida, anunciaram a decisão. As crianças vibraram e logo foram ajeitar suas roupas de festa para buscar a mana.

A correria foi grande até que fosse renovado o pequeno guarda-roupa da menina. Luizinha, dado o nome na confusão do meio-dia, aguardava-os com seus grandes olhos azuis, assim falava Joana ao contar para os amigos.

E por lembrar-se de tudo Joana repetia por muito tempo:

Sempre fora uma criança muito especial. Seu desenvolvimento surpreendia. Falou sua primeira palavra aos seis meses e caminhou aos nove meses. Por ser muito ativa se tornava necessário muitos olhos para protegê-la e conter suas artes. Aos dois anos adoeceu. Um problema sério sem diagnóstico. Durante três anos e meio vivemos com Luizinha em hospitais. Longo e difícil caminho. Até que um dia... ela

partiu. A sensação era tão real como no meu sonho.

Por ser religiosa, Joana entendeu ser o grande colo de Deus a receber sua pequena. E repetia seguidamente: Estávamos colocando nossa pequena filha num grande colo, o colo de Deus.

Muitos e muitos anos se foram desde então. Não somente se foi a pequena, como também Aparício, sem pedir licença. O tempo foi pondo remédio nas dores, menos em Joana. Uma dor profunda tomou conta de minha casa, dizia Joana conformada. O conflito entre Deus e a inconformidade não lhe dizia respeito. A serenidade não se afastava dela apesar da dor.

Muitos amigos não concordaram com a adoção de Luizinha. Ela, porém, repetia: Faríamos tudo de novo... Quem crer verá!

O velho muito velho seguidamente narrava esta história de sua infância.

Os pequenos, ao ouvirem a história de Joana e da pequena Luizinha, ficavam cheios de compaixão. Não acreditavam que fosse verdade, mas o velho contador de histórias dizia que sua avó não mentia.



*Mundos
paralelos*



por Osvandré Lech

Desde muito cedo a vida fervilha no Centro de Eventos da FIERGS em Porto Alegre. Centenas de congressistas descem de ônibus e carros e se dirigem aos anfiteatros, outras centenas se dirigem à secretaria para se inscrever, palestrantes checam as suas aulas, representantes das empresas ultimam os preparativos para o início da exposição comercial, onde novos produtos serão apresentados, novas relações comerciais se iniciam, e velhos clientes são saudados.

A Comissão Executiva gaúcha e toda a diretoria da SBOT, a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, não escondem o ar de apreensão: “Será que tudo correrá bem?” O dia segue agitado. Colegas se encontram e se abraçam, trocam novos telefones e e-mails atualizados. A camaradagem e o senso de coleguismo está presente nas faces e nos gestos. Lanches rápidos pelo corredor, cafezinhos nos estandes comerciais. Correria para não perder nada.

O dia segue intenso, intrépido. Quando termina, nada de relaxar. A sessão inaugural no início da noite no teatro do SESI é clássica, intensa, emocionante. Um show de Jair Kobe, o Guri de Uruguaiana, apresenta de forma descontraída a personalidade do gaúcho para a alegria e gargalhadas de um auditório lotado. Homenagens aos líderes da ortopedia brasileira, com seus cabelos brancos e faces já enrugadas e felizes; eles colocaram suas carreiras e energias a disposição do avanço e progresso desta especialidade. Breves discursos protocolares.

Por fim, uma apresentação do Tholl, o grupo pelo-tense que desafia as nossas sensações pela acurácia e colorido. Estava iniciando o 40o CBOTchê, ou quadragésimo congresso brasileiro de ortopedia, em novembro de 2008, em terras gaúchas. A última vez que o evento ocorreu em solo gaúcho fora há 52 anos, em 1956. Motivo de sobra para orgulho dos ortopedistas gaúchos desta geração.

Desde muito cedo, no mundo paralelo, a vida gaúdera nos bretões do Rio Grande inicia sem pressa. O frio da noite deixou orvalho na relva. É quase uma geada. Quantas lembranças de minha infância vivida nestas querências... ! Estradas de chão batido me levavam para o colégio, para a igreja, para casa, sempre com segurança e sem medo! De pés descalços, pisando a poeira fofa, à vezes embarrada, outras vezes coberta de geada.

A névoa da manhã encobre o casario, a igreja e as montanhas. Não se consegue ver longe. O minuano está hoje de cortar. Os currais estão vazios e o gado está solto no pasto. Os peões correm pelo campo na lide diária. A novidade no ninho do João-de-Barro são os filhotes. Os piás se preparam para um banho na lagoa, depois da aula na escolhinha rural. A natureza está em harmonia.

Amanhecer na campanha gaúcha, rincão distante deste estado-nação. Para alguns, local plácido, tranquilo, relaxante. Para outros, a forma mais intensa de energia. Para o gaúcho, talhado na labuta diária, o amanhecer nunca é indiferente ! Aliás, amanhecer combina com um bom café. Salame secando no galpão. Queijo, pão de forno feito na hora. Esta gauchada não se trata mal !

Na lagoa plácida, patos e marrecos se alvoroçam como crianças em horário de recreio. É a força da natureza renovada, iniciando um novo dia. Deslizando nas águas tranquilas, os patos seguem aos pares. Vai o peão formando o rastro com a certeza da direção. Segue a prenda, segura, sem saber aonde vai... reflexos do que é a paixão !

No segundo dia, tudo corre bem no 40°C BOTChê. Os congressistas ultrapassam 5.000 vindos de todos os estados brasileiros. Uma delegação de mais de 100 uruguaios, todos alegres, bonachões e bem-falantes representam a nação home-

nageada da SBOT – o vizinho Uruguai. Com outros 2.000 participantes das empresas de medicamentos, implantes ortopédicos, material radiológico e livrarias, a nação ortopédica fundada na FIERGS chega a 7.000 pessoas, população maior que mais da metade dos municípios gaúchos. Esta invasão da comunidade ortopédica brasileira lotou a rede hoteleira da grande Porto Alegre. Bom também para restaurantes, lojas. Bom para a economia gaúcha.

Notícias fresquinhas chegando pelo informativo do congresso, impresso na madrugada. As salas se mantêm lotadas. As conferências, simpósios, mesas-redondas são todas interessantes. A satisfação está no ar. A correria é ainda maior. Todos querem conhecer os lançamentos das indústrias e das livrarias, participar dos workshops. Todos os avanços científicos e a sessão de dignidade e defesa profissional são discutidos e prendem a atenção dos milhares de participantes.

As acompanhantes dos ortopedistas têm atividades paralelas. Passeios pela cidade, museus, galerias de arte. O almoço de boas vindas, no Hotel Plaza São Rafael, reuniu mais de 500 participantes, outro recorde. A Comissão Social é sim, de “faca na bota” !

Finalizado o segundo e longo dia do congresso, todos se preparam para a grande festa das etnias gaúchas, com sorteio de automóvel e delícias da culinária alemã, italiana e, claro, gaúcha.

O mundo paralelo desperta lentamente. A cerração (névoa) está ainda mais densa – “cerração baixa é sol que racha”, dizem os antigos. Salame, queijo, pão de milho no forno e um saudável Camargo (leite direto da vaca misturado com café) dá energia para a gauchada. Passeio com bandeiras para homenagear os “justa ossi que estão no estado, num tal de CBOTchê”. Todo gaúcho usa faca, às vezes duas, entre o

cinto e a bombacha. Uma pequena para picar o fumo, outra grande para qualquer trabalho: tirar couro de animal, drenar abscesso, sangrar gado, cortar mato, num entrevero e, principalmente, num churrasco. Gaúcho presenteia amigos com uma faca, pedindo uma moeda em troca para não cortar amizades. Ritual de confiança e admiração.

Ovelha carneada para o churrasco. A pele já estendida para curtir. Churrasco é dos bem bom, barbaridade. Picando a manta de charque o arroz na panela preta. É receita à moda antiga no rangido da carreta, mateando e contando causos de bailantas e carpetas...

Laço pronto, cavalos encilhados, todos rumo ao rodeio. O desafio de laçar a novilha e de se manter em cima do potro chucro. Gente empoleirada na arquibancada improvisada. Namoro á vista. Chuva forte que a tudo renova. Depois do temporal as folhas têm tom especial; homens e animais ficam serenos e lavados de todo o mal. Entusiasmada, a peonada continua o rodeio à noite. Foi uma grande bailanta que existiu no meu pontão. Tinha indiada de queixo roxo que nunca froxou o garrão. Vinho curtido em barril e cachaça de borrachão ! O vanerão, chula e o chote são os ritmos da dança. A música, claro, bem gaúcha. Quase um hino.

Noite de lua cheia, cheia de amor e paixão... Confesso, morena flor: teu corpo é gaita afinada soltando notas de amor no frescor da madrugada. Leveza, graça, animação. Ahh ! Estas prendas gaúchas são de prender a respiração!

Terceiro e último dia do 40°CBOtChê. Longo dia pela frente, mas já com a sensação do dever cumprido. A contabilidade prestes a ser finalizada já aponta que este congresso será o mais rentável da história. Não é para menos, já que a comissão organizadora evitou desperdícios e gastos desnecessários. Desta forma, a SBOT terá bom caixa para tocar todos

os projetos de 2009.

As conferências internacionais, os simpósios, os temas livres, os pôsteres. Tudo chama a atenção. O dia da especialidade promete muito. A SBOT neste evento estabelece o padrão de informar sobre conflito de interesses, um avanço ético. Igualmente importante, a SBOT suporta ações de proteção ambiental, demonstrando que a diretoria e membros estão alinhados com os esforços locais, estaduais, nacionais e internacionais de preservação do meio ambiente.

O dia finda com a Assembleia Geral e com o sorteio de mais um automóvel. Findo o CBOT à gaúcha, é hora de voltar para casa, descansar e recomeçar o trabalho diuturno de preservar a vida e o bem-estar dos pacientes, colocando em prática o que foi aprendido no congresso. A jornada de volta para casa pode ser fácil, de curta distância. Ou também pode ser longa, com várias conexões, muitas horas de viagem.

Remuneração baixa, longas horas de trabalho, perda da qualidade da relação médico-paciente, indústria do erro médico, Instabilidades e incertezas do dia-a-dia do médico atual. Tal qual um ginete tentando domar o potro chucro. Irmão no mundo paralelo.

No mundo paralelo, a gauchada acorda sem pressa. Cuias de mão em mão. Água no fogo para o café. Os potros rolam na relva, as ovelhas festejam a liberdade e o clima quente. Não teve névoa nem orvalho hoje. Todos trabalham. Todos produzem. Respeitam a terra e a natureza. Produzem riqueza agrícola. Afinal, farrapos ontem, caudilhos hoje, gaúchos, sempre. A vida tem um ritmo mais lento, sem significar monótono. Termina o dia, o sol se põe. O peão sobe no bagual e ruma para o rancho. Com fome e com saudade.

O ortopedista e o peão de fazenda vivem em verdadeiros mundos paralelos. Pessoas importantes nos seus locais de

trabalho. Quantos outros mundos paralelos existem? Quantos mais deveríamos conhecer?



*A guerra entre
o macaco e o tigre*



*por Pedro Ari
Veríssimo da Fonseca*

O macaco disse para o tigre que quando tinha fome, era igual a ele: também pegava uma vaca e comia.

– A única diferença é que você come mais, você é mais esganado, tem mais caixa de corpo. Mas eu, quando preciso, mato uma rês e como o quanto quero.

– Então vamos ver – disse o tigre. – Eu vou por aqui e você vai por ali.

O macaco nem saiu do lugar, ficou por ali, disfarçando no meio das macegas. O tigre saiu e pegou uma novilha gorda. Estava comendo e o macaco chegou e disse:

– Você tem muita sorte, já está churrasqueando. Eu dei uma baita volta e não encontrei nada, nada mesmo. Assim, você pode me dar um pedacinho...

– Não. Você diz que pega. Vá caçar.

– Tigre, já que você teve mais sorte do que eu me dê a bexiga da rês. Eu mesmo tiro.

– Pode tirar. Não me incomode e deixe-me comer direito.

O macaco retirou a bexiga, assoprou dentro, encheu de ar, bateu, bateu até ela lacear. Depois pegou moscas e colocou dentro. Encheu a bexiga de moscas e o tigre, entretido, nem ligou para aquilo. Aí o macaco disse:

– Deixa eu brincar com a tua cola?

– Pode brincar. Não me incomode.

O macaco foi, atou a bexiga na cola do tigre e parou-se ali por perto.

– Tigre, não está ouvindo uma acoação de cachorro?

O tigre escutou e ouviu mesmo uma zoada que parecia ao longe, mas eram as moscas dentro da bexiga. Saiu correndo e não notou que o macaco havia atado a bexiga na cola dele. Trepou num pé de angico, lá nas copas e continuou ouvindo a zoada. Só aí atinou que era a bexiga.

– Ora, que danado. Me logrou!

Falou com a raposa:

– Sabe que o macaco me fez de bobo? Ele me fez dar uma baita corrida de barriga cheia, podia até ter me dado uma congestão.

A raposa, então, deu uma ideia:

– Ele churrasqueou bastante. Vai ter sede daqui a pouco. Então espere lá na aguada...

O tigre ficou trepado no costado do bebedor, esperando. Dali a pouco o macaco se aproximou, mas maliciou. Acho até que viu que o tigre estava espiando. Furou uma bichiguana dessas redondas – estava gorda de bichiguana –, quebrou-a e se rolou em cima. Ficou com o pelo todo lambuzado de mel. Em seguida, se rolou em cima das folhas das árvores do mato, ficando só os olhos livres: parecia um monte de folhas caminhando direto à água.

O tigre viu aquilo e ficou muito admirado. De vez em quando gritava:

– Ô amigo folharada, por que bebe tanta água?

E o macaco lep... lep... lep..., não parava de beber. Até que respondeu, fazendo troça do tigre:

– É porque não tomo água desde aquele churrasco que você me deixou...

Só aí o tigre descobriu... e se avançou! Mas o macaco trepou numa árvore e fugiu de galho em galho. Logrou o tigre, de novo!

A raposa deu outra ideia:

– Amigo tigre, faça um boneco de cera e bote no carreiro dele. O macaco é muito vaidoso, não vai desviar, vai mandar que o boneco saia do caminho.

Assim o tigre fez. Aí veio o macaco e disse para o boneco de cera:

– Sai daí, sai do caminho que eu quero cruzar!

O boneco firme, quieto. Tanto foi que o macaco ameaçou dar um tapa na cara, se não saísse. Deu. Ficou com a mão direita grudada na cera.

– Largue minha mão se não te finco outra braceada!
Fincou a outra mão, que ficou grudada também.

– Largue as minhas mãos que eu te dou um chute!
Ficou com o pé direito cravado na cera.

– Largue meu pé, se não te dou outro chute!

Quando o macaco estava bem grudado na cera o tigre chegou:

– Agora vamos ajustar as contas! Você me logrou, me fez de bobo. Vou te matar.

Mas o macaco sabia que mais adiante, onde as macegas eram mais altas, havia uma toca abandonada de graxaim e então fez um último pedido:

– Já que vai me matar, eu queria morrer lá naquele macegão.

O tigre concordou em fazer a última vontade do macaco. Foram até perto do lugar onde estava o buraco, a toca escondida.

– Agora, tigre, de satisfação de me matar, você dê três pulos e bata palmas.

Quando o tigre se envolveu no primeiro pulo e bateu palmas, o macaco escapou para dentro da toca.

– Me logrou de novo – falou o tigre.

Aí chamou um sapo desses de campo, que andava por ali, entregou um revólver para ele e ordenou:

– Você cuide desse macaco, não o deixe sair, que eu vou buscar uma cavadeira.

Quando o macaco apontava a cabeça, o sapo calçava ele no revólver:

– Nem um passo à frente, senão eu te mato!

O macaco se lembrou que tinha pimenta moída no bolsinho do colete: “Agora esse sapo vai ver uma coisa...”. De novo apontou a cabeça e, quando o sapo meteu o revólver, ele jogou um punhado de pimenta. O sapo pegou a esfregar os olhos e o macaco se mandou.

O sapo ficou com medo de contar para o tigre e continuou fingindo que cuidava. Quando chegou com a cavadeira, o tigre cavoucou até o fim da toca e nada do macaco. Então, furioso, se voltou contra o sapo:

– Agora é você quem vai morrer. Escolha, você quer morrer no fogo, ou na água?

– No fogo, porque na água é uma agonia danada.

– Então vou fazer sofrer o pior: vou te atirar na água.

Atirou o sapo no meio do açude. O sapo saiu braceando e apontou a cabeça lá adiante: “Deu bem no que eu queria!”.

E o tigre continuava sempre falando: “Eu tenho que pegar aquele macaco!”.

O macaco havia encontrado uma caveira de tigre morto por caçador, juntou-a dentro de um saco e andava com ela. Um dia, trepou num coqueiro jerivá, com a intenção de comer uma porção de coquinhos e, levava com ele, a cabeça aquela.

Pois foi justamente nessa volteada que passando, o tigre encontrou o macaco lá em cima do coqueiro, comendo as frutinhas.

– Hoje eu te pego! – urrou o tigre.

– Ah! Ah! Ah! – debochou o macaco lá em cima –

Hoje eu vou completar com a tua, oito cabeças, pois sete cabeças de tigre eu já tenho aqui.

Tirou a cabeça de tigre de dentro do saco e mostrou.



Depois fez mais seis vezes, fingindo que eram outras cabeças. “Não tem jeito mesmo”, pensou o tigre. “Esse desgraçado vai terminar com a nossa geração. Vou convidar os meus colegas do pontão e do sertão e pegar esse macaco”.

Havia um tigre muito malvado, que matava muito gado e outros bichos. O tigre convidou aquele. Era o tal de tigre Rabão, ele era pitoco. Veio o Rabão e mais uma remessa de tigres.

O macaco soube da combinação e convidou o carneiro para sentinela e capanga dele.

– Você tem que me servir de capanga, seu sentinela, porque eu estou sujeito a ser atacado esta noite por um piquete de tigres. E você pode me ajudar. Mas tem de trepar numa árvore.

Aí o carneiro disse:

– Mas eu não sei trepar, eu não consigo.

– Eu te ajudo. Já escolhi uma árvore mais arcada, mais deitada e fiz uma jangada lá em cima para você se acomodar e me fazer companhia. Eu arranjo um cipó e com ele vou te puxando e você vai se equilibrando. Não tem perigo, venha!

O carneiro terminou concordando. Foi subindo na árvore com muito jeito e o macaco puxando devagarito, até acomodá-lo na jangada.

Tarde da noite o macaco ouviu as risadas dos tigres que vinham pisando, quebrando pauzinhos.

– Fique quieto – disse para o carneiro, o macaco. – Não faça nada, que eles já sentiram a nossa presença.

Numa daquelas o carneiro disse:

– Estou me sentindo mal, de tanta vontade de urinar.

– Não, não pode. Fique quieto! Estou sentindo as pisadas dos tigres, todos estão aí embaixo. O Rabão anda aí.

O carneiro aguentou até certo ponto:

– Estou muito mal, não aguento mais!

– Então vamos virar de barriga para cima, você urina, mas a urina fica na lá e não cai lá embaixo. Se não estamos perdidos.

Quando estava se ajeitando, o carneiro caiu por um vão da jangada e se veio quebrando galhos, fazendo um barulhão danado. E o macaco gritava:

– Pegue o Rabão! Pegue o Rabão que é mais bandido, é o mais forte inimigo que eu tenho.

Vendo um carneiro voando, o Rabão teve um baita susto, deu uma guinada para um lado, bateu com a cabeça numa árvore, arrebentou a cabeça e ficou morto ali mesmo. Os outros tigres se apavoraram, gritando:

– O nosso chefe! O nosso chefe está morto! Vamos nos escapar enquanto é tempo!

E lá se foram.

O tigre tanto perseguia o macaco que o macaco declarou guerra contra ele. Tanto um quanto o outro, tratara de se mobilizar. O tigre atravessou o rio Uruguai e foi convocar os colegas dos sertões de Santa Catarina e do Paraná. Marcara o início dos combates para dali trinta dias.

O macaco, por sua vez, convocou diversos enxames de bespas, marimbondos, abelhas, mamangavas, daquelas picaças e até tubunas, mandaçaias e mirim.

Marcaram o local do combate com bandeiras vermelhas.

O macaco se apresentou com cinco macaquinhos combatentes e nada mais se via.

O tigre veio com uma coluna de quarenta tigres, mais algumas jaguatiricas. O comandante olhou o campo de combate e viu apenas aqueles cinco soldadinhos inimigos.

– Será que ele vai enfrentar mesmo a minha coluna?

Eu me preparei tanto, escolhi os tigres mais lutadores desses sertões e agora essa...

Foi quando o macaco deu o grito de guerra e mandou avançar. Levantou voo do meio das macegas aquela multidão de bichinhos que caíram sobre os tigres ficando ferrão por todo o corpo deles. Os tigres rolavam no chão, urravam de desespero sem poder fazer nada.

Eu sei que, na luta, só do veneno dos bichos, morreram quinze tigres. Derrotados, os restantes tocaram em retirada.

E o macaco nunca mais foi perseguido.



*A história
da Pita*



*por Pedro Ari
Veríssimo da Fonseca*

Era uma vez uma viúva pobre que tinha só um filho, mas esse filho não gostava de trabalhar. Muito maltrapilho, quase só, com um terço no pescoço, andava ele com uma cadelinha chamada Pita e com uma espingardinha dessas taquari, de carregar pela boca.

Um rei tinha uma filha única. E ele combinou com a rainha que a filha só se casaria com alguém que lhe levasse enigmas que ele não pudesse decifrar; mas por outro lado, seria sentenciada a pena de morte para quem lhe levasse enigmas que ele conseguisse decifrar em meia tarde, num dia, em no máximo três dias. A princesa confirmou esse trato do rei e da rainha. Estavam indo ao palácio candidatos que queriam casar-se com a moça e ficarem meio donos do trono. Mas o rei era mesmo um danado para matar charadas. Quando os enigmas eram realmente difíceis, no máximo em dois dias ele desenredava. E lá se iam os candidatos para o fuzilamento.

Um dia o maltrapilho disse:

– Mãe, a senhora trabalha tanto. Estive pensando: se eu levar perguntas que o rei não possa responder, aí eu caso com a princesa e a senhora não vai precisar se judiar desse jeito. E aí eu também não vou mais me envolver com trabalho nenhum...

– Que esperança. De jeito nenhum! Muitos moços sábidos, até doutores, já foram fuzilados à toa, Prefiro que você fique em casa, do meu lado, nem que você não faça nada. Te dou roupa, comida, tudo e você fica só pra minha companhia. Então ele vivia em roda do fogo e a cadelinha dele ali. Junto, na cinza. Ele, quando muito, dava uma volta para caçar.

Um dia inventou:

– Eu vou! Amanhã cedo chamo a Pita, pego minha espingardinha e vou. Vou fazer as perguntas no palácio do rei. Vou mesmo!

A mãe, vendo o caso perdido, disse:

– Então eu vou fazer uns pães pra você levar, pra você comer na viagem.

Ela fez uma fornada de pão, mas estava pensando assim: “se o rei acha que tem o direito de matar meu filho, mais direito tenho eu, como mãe, para não vê-lo sofrer no fuzilamento...” E pôs veneno na massa dos pães.

Entregou os pães, desejou sucesso na entrevista com o rei e ainda deu ao filho uma Bíblia e um livro de orações... de certo para ele chegar mais depressa ao céu... Também deu um papel de carta e um lápis, para o caso do filho querer mandar notícias para ela.

Ele botou os pães numa das duas bolsas da malinha-de-garupa e atirou a malinha no ombro. Do outro ombro fez pender a espingardinha taquari. Pegou a Bíblia e o livro de orações. Deu adeus à mãe e botou o pé na estrada.

Mas ia meio desconfiado daquela encenação. Para tirar as dúvidas, moeu bem moidinho um pedaço de pão e colocou o farelo num carreiro de formigas. As formigas começaram a transportar, a transportar, mas não sabiam que era veneno o que carregavam. Tanto foi que veio uma formiga grande, a formiga-rainha, e disse:

– Olha moço, por essa alimentação que você está nos dando, se um dia o senhor se ver mal, em perigo de vida, é só gritar “Ai, minha formiguinha” que eu organizo o meu exército e te defendo.

Ele guardou aquilo na ideia e seguiu adiante.

Até aí, como as formigas só tinham transportado o farelo sem comer, ele não tinha ficado sabendo se o pão era envenenado ou não.

Mais adiante ele notou que a Pita estava com muita fome; cortou um pedaço de pão e deu pra ela. Ela comeu, deu

umas voltas e caiu morta.

Bem que ele tinha desconfiado.

Mesmo sabendo que a Pita tinha morrido envenenada, ele tirou o couro dela, fez um fogo e assou a carne. Colocou o assado no outro lado da mala e continuou a viagem.

A estrada fazia uma volta muito grande por causa de um mato onde se açoitavam sete bandidos que viviam de saquear os viajantes. Ele ia cruzando a picada e foi atacado pelos sete salteadores.

– Vamos ver ligeiro o que é que você tem aí dentro dessa mala!

Tomaram a mala e foram fazendo uma alaúza:

– Olha, tem carne assada aqui!

– E pão novo!

– E pão novo!

– Já temos almoço!

– Vamos almoçar já e depois a gente decide o que fazer com esse indivíduo.

– Te senta aí, infeliz!

Ele sentou e ficou esperando.

Cada um comeu um pedaço de churrasco com pão. Dali a uns poucos minutos um caia pra um lado, outro pra outro... E lá se foram todos para o beleléu.

Aí ele largou no chão a sua espingardinha, escolheu um bom fuzil deixado por um dos bandidos mortos e seguiu viagem. Já ia pensando numa primeira história para contar ao rei: “a massa matou a Pita” – que foi o pão – “a Pita matou sete” – os sete bandidos – “de sete eu tirei um e ficaram os mesmos sete” – porque ele tirou um fuzil bom e deixou a taquari. E escreveu isso no papel.

Mais adiante, já fora do mato, atravessando um campo raso, ele quis experimentar a nova arma numa pomba. Apon-

tou o trabuco, mas naquela que fez a pontaria não acertou, acertou em outra.

“Atirei no que vi e matei o que não vi...” – anotou no papel.

Estava com fome, queria assar a pomba, mas naquele campo raso não encontrava lenha. Então teve que fazer o fogo com a própria Bíblia e o livro de orações. Assou a pomba mal e mal. Comeu. “Assei e comi com palavras santas...” – escreveu.

Sentiu sede. Naquela campanha não havia nem mato para lenha, nem água. Mas ele avistou um cavalo manso que estava pastando uns capinzinhos. Mui mixes. Montou no cavalo e atropelou e atropelou até que o pobre animal ficasse lavado de suor. Tirou o lenço do pescoço, encharcou-o de suor e espremeu-o na boca.

“Tomei água que não era da terra, nem do céu...”.

Foi andando até que costeou um rio. E viu uma rês morta descendo a correnteza, a boiar, com oito corvos em cima.

“Encontrei um morto carregando oito vivos...”.

Depois desse rio ele entrou num campo largo, de boa pastagem, e foi encontrando muitas ovelhas. Tinha muitas perguntas. De repente enxergou um negrinho sentado num cupim.

– O que você está fazendo? – perguntou.

– Estou cuidando desse rebanho.

– Como é que você, sentado, vai cuidar miles de ovelhas? É impossível.

– Eu não preciso me levantar daqui; quando quero trago todas para perto de mim.

– Não, não é possível! Como é que você vai fazer isso?

O negrinho puxou do bolso do colete um apito e deu um assobio forte; vieram ovelhas de todas as coxilhas e se reu-

niram perto dele.

– Agora fica mais fácil de olhar. Pouca caminhada e eu vejo todo o rebanho.

– Você tem que me vender esse apito!

– Não vendo por dinheiro nenhum.

– Você tem que me vender.

O negrinho não quis vender, pois era o Negrinho do Pastoreio. Eu sei que ele pegou o Negrinho, derrubou o Negrinho, tomou o apito e levou. Levou o apito e deixou o Negrinho chorando lá no cupim.

Tanto foi que chegou ao Palácio Real. Disse para o guarda:

– Venho trazendo uma porção de perguntas para a Majestade; quero ver se caso com a filha dele, com a princesa.

O guarda ficou pensando: “O que é que vem fazer este molambo... ainda com essa arma na mão? Em todo o caso, o rei não estipulou o tipo de homem que podia se apresentar. Basta que venha trazer enigmas e, então, esse está na conformidade”.

O senhor tem que guardar a sua vez. Há uns quantos na sua frente.

Dali a pouco um soldado desce com um e fuzila-o. Desceu com outro e fuzilou também. Assim foi com todos até chegar à vez dele. Ele foi levado até uma sala-de-espera onde lhe pediram que entregassem o papel onde estavam escritos os enigmas. E foram entregar o papel ao rei, no salão dele.

O rei começou a ler: “A massa matou a Pita. A Pita matou sete, dos sete tirei um e ficaram sete. Depois fui mais adiante e atirei no que vi e matei o que não vi. Assei e comi com palavras santas”.

O rei começou a ficar nervoso e a demonstrar impaciência... Como é que ele ia saber?

Continuou lendo os enigmas: “Depois fui mais adiante e tomei água, que não era da terra, nem do céu. Encontrei um morto carregando oito vivos.”

O rei começou a pensar, pensar, pensar e a cabeça começou a doer.

Veio a princesa e perguntou:

– O senhor está sentindo alguma coisa, pai?

– Tem aí na sala um candidato que me trouxe enigmas indecifráveis.

A princesa resolveu dar uma olhada na sala, quem sabe que moço bonito estava lá!

Foi e viu aquele molambento com um fuzil na mão. Se apavorou. Correu ao quarto da rainha e se abraçou com ela, chorando. Depois, com decisão, resolveu tentar decifrar os enigmas.

– Pai, vou lhe ajudar. Por amor de Deus, preciso lhe ajudar!

Foi a noite e foi o segundo dia e, nem o rei, nem a princesa conseguiram decifrar.

Na manhã do terceiro dia a princesa começou a chorar.

– Pai, procure um recurso em tempo, o senhor tem o direito de pedir mais prazo.

– Palavra de rei não volta atrás!

Mas, ao vencer o terceiro dia, ele voltou atrás e foi pedir humildemente:

– Você me dá mais prazo?

– Tendo cama e bóia, eu te dou mais prazo. Te dou mais três dias.

– Então tá.

O rei, que estava com má intenção, disse:

– Então caducou o nosso trato, porque eu tinha estipulado só o prazo de três dias. Como tudo voltou atrás, então

posso exigir de você mais obrigações. Eu tenho no meu pátio três preás, marcadas a ferro quente, com minha marca. Vou soltá-las no banhado e você terá que me trazê-las em três dias. Tome essa gaiola e se mande.

Um peão soltou as preazinhas num banhadal que era puro macegão, capim-guacú e caraguatá e lá se foi ele de atrás com a gaiola.

Tentou caçar as preás. Que nada! Nem rastro. Desanimado, começou a se lembrar da mãe. “Ela não queria que eu viesse, ela já estava atinando que o rei iria me matar. Estou liquidado...”.

Mas aí teve uma ideia:

– E aquele negrinho que eu deixei chorando?... O apito dele.

Procurou o apito no bolso do colete e encontrou-o. Apitou e vieram as três preazinhas correndo e entraram na gaiola. Era misterioso mesmo aquele apito. Soltou-as. Deu novo apito e elas voltaram.

– Agora vou soltar, que elas pastem à vontade.

No primeiro dia, bem de tarde, o rei apareceu por lá, para espionar as coisas e foi disfarçado com roupas de um simples mandaete. Mas o rapaz logo reconheceu que era a voz do rei, quando ele falou:

– Muito boa tarde! O que é que você está fazendo aí?

Ele nem pestanejou e contou:

Estou cuidando de três preazinhas que daqui a dois dias vou levar para o rei e assim poder casar com a filha dele.

– Mas como é que você vai pegar esses bichinhos nesse atolador cheio de caraguatás?

– Ah! Isso são tantas vezes quantas eu queira.

– De que jeito?

Ele puxou o apito. Apitou. Vieram as três preazinhas e

entraram na gaiola. O rei examinou-as e viu que estavam com a marca dele.

– Moço, não quer me vender uma dessas preás, ou as três?

– Não posso vender, de jeito nenhum, senão eu não me caso com a filha do rei.

– Mas lhe dou o quanto você quiser em ouro e prata.

– Quantia nenhuma!

Mas teve uma ideia e acrescentou:

– Há um único jeito de eu lhe ceder uma delas...

– Qual é?

– Só se o senhor permitir que eu lhe dê um laço bem forte no lombo.

– Era uma barbaridade, mas como não topa? Seria a única maneira de salvar a filha (e ele também) das mãos de um sujeito daqueles. Olhou para um lado e outro. Viu que não havia ninguém para assistir a vergonhosa cena e suspirou:

– Aceito.

O molambento foi até o matinho que havia perto, cortou cipós, fez um trançado a capricho e voltou para junto do rei. Oitavou o corpo e deu um laço daqueles! O rei chegou a bufar de dor.

– Agora pode levar a sua preá.

O rei, todo doido das paletas, levou a preá. Quando ia cruzando uma macega alta, um macegão, o molambo apitou e a preazinha pegou a espernear, a morder, a cravar as unhas até que o rei se viu mal e deixou-a cair no meio da macega: o rei ainda se boleou em cima, tentando prendê-la com o corpo. Nem notícias! Foi reaparecer lá dentro da gaiola.

Chegou ao palácio com as mãos saindo sangue. Contou para a filha que o molambento tinha feito isto e aquilo com o apito, contou tudo, mas não teve coragem de contar

que tinha levado no lombo aquele baita laço.

A princesa terminou indo cochichar com a rainha:

– Mãe, a senhora vá lá e dê jeito de trazer um bicho daqueles, que o pai parece que não está tomando muito interesse. Veja se me defende de casar com aquele molambo.

A rainha se disfarçou de uma velha enrugada e foi. Mas de longe ele viu e adivinhou que a futura sogra queria propor algum novo negócio.

– Muito boa tarde! O que é que você está fazendo aqui?

E se repetiu tudo, com a proposta de compra de uma preá.

– Que esperança! Por dinheiro nenhum... – até que veio a condição final: só se a senhora deixar eu lhe dar dois laços com toda a minha força.

Ele consentiu.

E apanhou feio.

E agarrou a preá pra levar.

Ela ia levando a preazinha e ele apitou. Aquela preá começou a corcovear e a espernear, a morder e arranhar as mãos da mulher e a mulher terminou se atirando em cima da preá pra tentar esmagá-la, pois bastava que uma das três morresse para o molambento perder a prova. Mas, com tudo isso, o bichinho escapou pelo meio das macegas e foi parar lá na gaiola.

A rainha chegou ao palácio e queixou-se para a filha:

– Não há jeito. Aquele homem misterioso dá um apito e a preá escapa mesmo.

A princesa disse:

– Garanto que trago! Nem que ela me charqueia as mãos. Mortas, nem que seja.

Foi.

– Ah! A noivinha vem vindo. Agora vai tocar a vez dela apanhar, entrar no laço.

Fez as mesmas propostas.

– Nem ouro, nem prata. Só há uma condição: você tem que deixar eu te dar três laços. Ela deixou:

– Agora você pode levar uma preá.

No segundo apito a noivinha não aguentou. Largou a preá e foi-se embora com as mãos todas lanhadas.

Na tarde do terceiro dia, que era quando vencia o prazo, foi um piquete a mando do rei para trazê-lo e as preás. O rei já sabia o resultado. A notícia se espalhava e muita gente vinha de todas as partes do reino. Muitos diziam: isso é castigo! O rei já matou muitos rapazes, moços em condições e agora vai ter que casar a filha com aquele sujeito. Chegavam carruagens e cavaleiros de toda a parte.

– O rei procurou novamente o rapaz e disse:

– Já que você meu deu mais três dias e com isso caducou o nosso primeiro trato, agora eu tenho o direito de te fazer quantas perguntas quiser, ou qualquer outra tarefa. Vou te dar tarefas e toda essa multidão que aguarda vai testemunhar se você merece casar com a princesa.

– Tá, pode ordenar o que quiser.

– Você tem de encher um saco de mentiras.

– Então o senhor mande me trazer uma bolsa que passe ar, três atilhos e dois homens: um para segurar e outro para atar. Agora, quando eu mandar, um segura e o outro assopra e, dá um nó. Dirigiu-se para a multidão e disse:

– Ontem eu dei um laço, com toda a minha força, no lombo de Sua Majestade.

O rei disse:

– É mentira!

O povo todo repetiu:

– É mentira.

Ele mandou assoprar dentro do saco e atar a bola de ar.

– E ontem eu dei dos laços, com toda a minha força, em Sua Majestade, a rainha.

A rainha gritou:

– É mentira.

E todo aquele povo, por puxa-saco, também gritou:

– É mentira.

Outro assopro e outra bola de ar ficou presa.

E o molambo continuou garganteando...

– E hoje, agora bem de tarde, eu dei três laços na princesa.

Ela gritou:

– É mentira.

E o povo gritou a mesma coisa.

Deu-se o terceiro sopro, encheu-se a bolsa. Então ele disse:

– Está aqui! Aqui está a mentira da família real e de todo o povo. Eu cacei todas as mentiras: do senhor, da rainha, da princesa e de todo esse povo aí. Está aqui o saco de mentiras.

Então a filha disse:

– Pai, invente outra coisa, a última... ou o casamento ou a morte! Invente uma tarefa para amanhã cedo.

O rei dirigiu-se ao molambo e perguntou:

– Você me dá permissão para uma sentença?

– Dou. Tenho cama e bóia, pode fazer mais uma.

O rei então mandou buscar um saco de arroz, um saco de aveia e um de cevada. Fez um montão e mandou misturar, bem misturados aqueles muitos alqueires de sementes.

– Agora você tem que separar todo o arroz de um lado, a aveia de outro e a cevada de outros, em três partes. Onde eu achar um grão de arroz no meio da cevada ou da aveia, você

está mal.

O rei sabia que ele não poderia fazer tudo numa noite. Ainda mais que mandou trancar o molambo num quarto escuro e levou a chave e o lampião. Quando foi pela manhã o povo começou a chegar. Era a ultima sentença. Ou casa ou morre.

Essa aí não tem jeito. Ele não escolhe bem cem sementes. Todos diziam: o coitado vai morrer. Bobalhão, podia estar casado...

Eu sei que ele esteve pensando desde a saída de casa e se lembrou das formigas.

– É isso mesmo, a formiga se prontificou aquela vez. Quando eu me visse em perigo... e agora é de vida ou de morte!

– Ai de mim, minha formiguinha!

– O que há contigo?

– Eu tenho que separar essas três qualidades de sementes. Se a tarefa não estiver pronta ao clarear do dia o rei manda me matar.

– Então espera aí um pouco que eu vou dar uma olhada.

Ele ficou sentado na cama, no escuro, enquanto a rainha das formigas foi fiscalizar o monte misturado. Examinou bem e perguntou:

– Você tem sono?

– Eu tenho!

– Pode deitar e dormir que eu vou chamar o meu pessoal.

Dali há uma hora da noite, já de madrugada, ele se acordou e ouviu aquela estralada e disse:

– Ôi, bicharedo, estão se virando bonito!

Daí a rainha das formigas disse:

– Pode continuar dormindo, já estamos com a emprei-

tada quase pronta.

De madrugada, estava clareando o dia... No quarto fechado era tudo escuro... Veio o rei, veio a princesa e veio a rainha. Abriam a porta e ele sentou-se na cama esfregando os olhos, dando mostra que havia dormido a noite inteira. Foram lá no monte de arroz, só puro arroz; no monte de aveia, só pura aveia e no monte de cevada, só pura cevada.

Aí, a princesa disse:

– Pai, esse homem é misterioso, esse homem é encantado.

Começou a imaginar coisas: quem sabe que feliz casamento que eu vou ter, pois ele demonstrou que dormiu toda a noite e os três montes estavam separados. Atirou-se nos braços dele...

O casamento foi ontem à tarde, às cinco e meia da tarde!



*Ficou louca,
Margarida?*



por Sueli Gehlen Frosi

Margarida descobriu que não viveu. A descoberta foi assim, de repente. Em meia hora de conversa com uma amiga, ela conseguiu recuar no tempo e rever tudo, até os conceitos tão bem elaborados por gerações.

Era normal ser filha de seu pai e apanhar dele. Todos na sua casa apanhavam, e ninguém questionava. Nem sua mãe, coitada. Era tão sofrida. Sempre chorosa e trabalhadeira, não ousava contrariar aquele homem irritadiço e exigente.

Ela crescera trabalhando duro, cuidando de irmãos que não paravam de chegar. Foram muitos os filhos da sua família. Isso significava lavar, passar, cozinhar e costurar. Quem podia não costurar naquela época? Margarida tinha um jeito especial para a costura e, cedo, descobriu que a máquina era a forma de escapar do tanque e do fogão, que ela odiava.

A cidade onde Margarida crescera, na verdade, era uma vila. Todos se conheciam e eram muito parecidos. A supremacia masculina permitia que alguns meninos saíssem da cidade para estudar, mas jamais as meninas. Estas costuravam e eram das lides domésticas, como as mães e as avós.

Margarida tornou-se uma moça bonita, prendada e foi logo vista pelas pessoas como boa para o casamento. Não demorou a aparecer um pretendente. A mãe andava cansada e o pai cada vez mais ausente de casa. Ela sabia que a apatia da mãe tinha a ver com a vida que o pai levava e que não combinava em nada com a vida da família.

Volta e meia ouvia comentários sobre a ida dos homens à cidade maior ali perto, onde jogavam e onde frequentavam “casas de mulher”. E o pai, ela sabia, ia também. E o via voltar sem dinheiro, a mãe a chorar e o pai cada vez mais irritado. A vida era um círculo vicioso, ora tudo calmo, ora um caldeirão, quando tudo poderia acontecer. Margarida via os irmãos serem espancados e nunca tivera coragem de de-

fendê-los. Instintivamente ela sabia que aquilo estava errado, como estava errado ficarem sem dinheiro, mesmo trabalhando tanto.

Ao primeiro pedido de casamento, aceitou, mesmo sem sentir nada por aquele rapaz sisudo, mas honesto e trabalhador. Ficaria livre daquele ambiente opressivo e poderia ter sua própria casa. Casou-se no verão. A saída de sua casa parecia não ser muito notada. Ela arrumou suas poucas coisas, vestiu-se de noiva e disse o sim necessário.

Após o casamento, rumou para a casa do noivo, ou melhor, para a casa da família do noivo. Mostraram-lhe seu quarto, e ela se instalou. Guardou suas coisas, não muitas, com capricho naquele guarda-roupa grande. Havia espaço para ela naquele quarto, só no quarto.

Passou a noite de núpcias sem grandes emoções, nem grandes feitos. O marido era homem silencioso, seco, rápido. Deitou-se sobre ela, penetrou-a com cuidado e virou para o lado. Margarida acreditou que fosse assim que as coisas da vida aconteciam. Estava aliviada por sair da casa dos pais e não esperava muito da casa do marido. A vida das mulheres era assim.

Margarida e o marido tiveram quatro filhas, que ela cuidou com dedicação. Comprou o que as meninas precisavam, costurando dia e noite. Eram outros tempos, porque agora as meninas iam à escola e colecionavam umas revistas onde havia fotos de vestidos lindos, que Margarida reproduzia com rigor. Tudo muito bem feito!

As meninas cresceram sempre muito bem arranjadas pela mãe. Com o tempo, as amigas das filhas passaram a pedir que ela costurasse seus vestidos também. Margarida tornou-se uma costureira de mão cheia e com isso ganhou um bom di-

nheiro, que o marido gostou de gastar no clube, tomando cerveja com os parceiros do bolão. Tudo normal, tudo previsível.

E a vida transcorreu assim. Margarida costurando, fazendo comida, limpando sua parte da casa. O marido fazendo móveis, chegando para descansar a cada final de expediente. O silêncio durante o descanso dele era obrigatório e jamais contestado. Os homens precisavam muito descansar naquela época.

A morte do marido pegou Margarida completamente desprevenida. Nunca havia pensado na possibilidade de ficar sem ele, mesmo que raramente se falassem. No velório chegaram os pais dela, já envelhecidos, os irmãos e as irmãs – menos duas, que haviam se casado com homens ricos. Essas não viariam. Preferiram ficar bem longe, aproveitando a vida. Pouco se sabia delas e de suas famílias.

Margarida tinha quase cinquenta anos quando viu sua última filha sair de casa. Os sogros deixaram tudo para ela, por ter passado anos e anos cuidando deles. Margarida ficou só, mas não por muito tempo. Logo que as filhas tiveram seus filhos, passaram a levá-los para a mãe cuidar. As roupas para as festas que as filhas frequentavam, Margarida continuou a fazer de bom grado. A vida era assim mesmo! Era normal cuidar dos netos, costurar, fazer comida para todo mundo.

Ninguém imaginava que as coisas pudessem mudar tão rápido. Havia na cidade um movimento de mulheres que aguçou a curiosidade de Margarida. Ela viu que as reuniões eram concorridas, percebeu como as vizinhas passavam pela rua rindo alto, e, aos domingos, havia música no clube. Margarida ficou tentada a aceitar o convite da vizinha para ir a uma reunião. Após mais alguns convites, ela foi. E gostou muito!

Tratava-se da extensão de uma faculdade de terceira idade. A maior parte dos que frequentavam o grupo era de mulheres. Isso não foi surpresa para Margarida, ciente de como os homens se comportavam naquele lugar. Das atividades da turma, as mais lindas eram os sorrisos e os abraços. Aquelas mulheres tinham mania de abraçar umas às outras, e Margarida não demorou a aprender. Logo passou a abraçar também. Não conseguia mais ouvir uma música sem que dançasse feliz. E já começava a ler com mais agilidade.

As filhas estranharam as atitudes da mãe, quando esta se recusou a cuidar dos netos de vez em quando ou quando passou a dizer não ter tempo para tanta costura. Um livro aqui e ali era indício de que haveria muitas surpresas ainda. E Margarida vibrou com a vida nova e aproveitou tudo com gana. Os netos, aos poucos, ficaram sem a vovó, e as filhas começaram a comprar suas roupas prontas.

Aos domingos havia baile, e Margarida descobriu que adorava dançar e dançava mesmo sozinha. A fome que ela tinha de viver era grande demais. A dança operou alguma coisa nela, porque sentiu necessidade de enfeitar-se, de observar-se. Seu corpo agora lhe dava prazer, e não dor. Apreciava tomar banho, olhar-se e ver que gostava de si. Descobriu que ela fora, até então, uma desconhecida para si mesma.

Mas a fome maior era da alma. Os livros a deixavam agoniada, por querer saber o que havia neles. Em todos eles. Sorte haver uma biblioteca e haver Carla em sua vida.

Carla era uma professora da faculdade que ia à sua cidade de vez em quando para palestrar sobre qualidade de vida. As duas tornaram-se amigas, assim, como por encanto.

Margarida sentou-se com Carla certa feita e contou-lhe sobre sua vida. O fato de ter conseguido sintetizar tudo em meia hora a fez concluir que sua vida havia passado de forma

pobre, vazia, sem amor, sem paixão.

Carla ouviu seu relato e falou que a achava uma das pessoas mais inteligentes que conhecia. Isso pareceu um disparate! Margarida demorou a metabolizar a informação, mas quando o fez, tomou uma decisão. Falou com calma para a amiga que queria estudar, só não sabia como fazê-lo. Carla sugeriu que procurasse uma escola da cidade, para ver o que poderia ser feito.

Naquela noite Margarida não dormiu, nem dormiu bem nos anos seguintes. Sua vida sofreu tal transformação, que suas filhas não a reconheceram mais. Só a caçula percebeu o quanto a mãe estava sendo feliz.

Margarida estudou, formou-se no colégio e ingressou na faculdade de psicologia. Era uma devoradora de livros e, aos 64 anos, era uma psicóloga clínica. Casou-se com seu professor de psicanálise, dez anos mais jovem que ela.

Quando comunicou que faria uma longa viagem de lua de mel pela Europa, as filhas perguntaram se ela estaria louca. E ela sorriu e falou que sim: estava louca de felicidade, até que enfim.



Grávida, e agora?



por Sueli Gehlen Frosi

Ela era muito nova quando ficou grávida. Difícil acreditar que engravidar fosse tão fácil. O que aconteceu naquela festa foi rápido e sem compromisso, por isso demorou-se com o resultado do exame de laboratório no colo, mãos trêmulas. Tomar banho pareceu ótimo naquele momento.

A água do chuveiro como que lavou suas memórias, deixando bem aparentes aquelas que originaram seu estado atual. A cena em que se deitara com Beto sem proteção apareceu clara e nítida. Bem que ela, naquele momento louco, pensara que poderia acontecer alguma complicação, mas não houve tempo, nem vontade, nem camisinha à mão. O que houve foi um arroubo de paixão, uma leve tonteira da vodca, aquela cama, estreita, de sua melhor amiga. Beto a empurrara para o quarto e, dali em diante, tudo aconteceu com rapidez.

A água morna escorria pelo seu corpo e ela olhava para a barriga, sem acreditar que aquilo cresceria e que ela estava irremediavelmente em maus lençóis. Marina não tinha ainda a exata dimensão da gravidade de estar esperando um filho. Demorou um pouco ainda para isso acontecer.

Beto era um garotão e um amigo para o qual nunca havia olhado de forma diferente. A camaradagem entre os dois era coisa consolidada por anos de colégio e festas divertidas. Marina não costumava perder a cabeça, nem bebia demais. Aquele episódio com Beto fora todo diferente.

Tudo começou antes da festa na casa de Laura. A chegada com atraso deveu-se a um incidente marcante, que começou com Marina e o pai saindo de casa, em meio ao rosário de recomendações da mãe, já decoradas há muito tempo. No meio do caminho, quando a conversa ia animada, o pneu furou. Resmungando e mal-humorado, o pai abriu o bagageiro para pegar o estepe e as ferramentas, sem perceber quando seu celular tocou. Marina até o chamou, mas, no intuito de lhe fa-

zer um favor, abriu o telefone sem pensar. Era uma mensagem. O que ela leu fez o coração disparar, e ela segurou as lágrimas com dificuldade. Marina precisava pensar no que fazer, e logo. Aquela situação nunca fora sequer suspeitada. A mensagem, de teor apaixonado, vinha da secretária da fábrica, uma amiga da família. A mãe morreria se soubesse do caso do marido com aquela mulher.

Ainda ontem a família combinara tudo para uma viagem. Mesmo tendo que suportar a irmã mais nova e mais chata do mundo, Marina estava animada. A possibilidade de escapar do frio e pegar uma praia linda e bem quentinha era algo tentador. A fábrica prosperava, e agora podiam viajar.

Quando o pai retornou ao carro, encontrou Marina quase normal. Ele não estranhou seu silêncio, porque o atribuiu ao atraso que o pneu furado provocara. Largou Marina na porta da casa de Laura, sem aceitar o convite para entrar um pouquinho.

A festa já havia começado. Estava tudo igual às outras festas da turma, as mesmas pessoas, as mesmas músicas, a mesma vodca disfarçada dentro da Coca-Cola. E ali estava Beto, seu amigo.

A disposição de Marina, naquele momento, não combinava com festa. Ela estava chocada com o que descobrira sobre o pai. Enquanto bebericava sua Coca-Cola batizada, balançava-se ao ritmo da música que mal escutava. Pensou em como poderia viver com o que sabia.

Beto foi o único a perceber algo de errado. Aproximou-se e Marina lançou-lhe um olhar que era um misto de desespero e pedido de socorro. Beto abraçou-a e sentiu seu perfume. Percebeu, chocado, que nunca havia pensado em Marina como uma garota que ele pudesse namorar, mas se deu conta que ali estava alguém bem interessante.

Dançavam devagar, quando a mão de Beto deslizou pelas costas da menina. Ela sentiu um arrepio e encostou o corpo um pouco mais. Aos poucos já não conseguiam respirar, e uma onda de paixão os empurrou para longe dali. Beto abriu a porta do quarto de Laura, trazendo Marina consigo. Ofegantes, tiraram a roupa um do outro.

Marina não era inexperiente, mas o que aconteceu ali foi inédito para ela. O que ouvira até então sobre orgasmo passava longe do que ela sentiu com Beto. Foi tudo rápido e intenso. Quando tudo acabou, ele sugeriu constrangido que saíssem dali. Marina ajeitou as roupas e esticou a colcha. Antes de voltar à festa, pensou aturdida no que poderia dar errado. Uma gravidez era a possibilidade mais remota. A pílula não falharia justamente com ela.

Parte dois

Marina tinha uma amiga que, na verdade, era mais amiga de sua mãe do que sua. Lúcia frequentava a casa há anos e era considerada da família. Para Marina, ela seria madura o suficiente para pensar com lucidez e ajudá-la a colocar um pouco de ordem nos pensamentos. O exame de gravidez estava bem seguro dentro do caderno da faculdade. Decidiu ir à casa de Lúcia. A escola não era uma possibilidade, nem de longe.

Ao chegar, Marina pediu para não ser denunciada matando aula. Pegou a amiga pela mão e, gentilmente, convidou-a para sentar-se ao seu lado no sofá. Abriu o caderno, retirou o envelope e o entregou, deixando o resultado bem visível para as duas. Lúcia olhou-a comovida, quando o choro finalmente apareceu e Marina deixou que ele rolasse livre, sem pudor. Chorou muito, enquanto a amiga buscava um lenço,

um copo com água e a segurava pela mão. Quando finalmente se acalmou, ouviu a pergunta:

– Já estás melhor? Podemos conversar?

– Eu preciso desesperadamente conversar, por isso estou aqui. Você me ajuda?

– Primeiro tens que pensar no que queres fazer com esta informação – falou Paula, indicando o envelope com o exame.

– A única coisa que sei é que eu não esperava. Fiz o exame por causa de um mês de atraso, mas pensava que era uma loucura estar grávida. Nunca imaginei que eu ficaria louca a ponto de não pensar em mais nada naquela noite. Mas foi só uma vez! Não dá pra acreditar – Marina tentava desesperadamente encontrar uma explicação dentro do relato que fazia.

Lúcia entendeu o que havia acontecido e tratou de fazer as perguntas pertinentes:

– Quem é o pai, Marina?

– Não tenho nem coragem de dizer, Lúcia! Ele é um amigo, um colega de aula. A gente nem está namorando.

Lúcia deixou que Marina falasse, pois sabia que ela tinha que metabolizar tamanha responsabilidade.

Marina falou tudo, mas não pareceu estar entendendo o que fazer com Beto. Como ele seria o pai do seu filho?

Lúcia percebeu o susto de Marina, ao constatar o que ainda não havia compreendido. Esperou a menina ficar mais calma e perguntou:

– Quando você pretende contar a seus pais? E para o seu colega, que ele vai ser pai?

– Pro meu pai eu não conto nada! Ele não merece! O que eu soube dele me fez deitar com Beto. Beto foi a primeira pessoa que falou comigo depois do que eu soube. E foi Beto quem me abraçou e pareceu entender.

– Isso é jeito de falar do seu pai? O que ele fez de tão grave? Há anos convivo com vocês e nunca vi nada de errado com seu pai, Marina. Fica calma, respira e começa a contar. O que aconteceu naquela noite?

Os dois meses seguintes foram reveladores. Marina percebeu o completo despreparo de Beto frente a uma situação como a sua. Ela sabia que ele não teria condições de assumir uma paternidade. A forma patética com que se comportou, chorando e se desculpando com os pais dele e os dela, deixaram bem claro tratar-se de um menino imaturo.

Os pais encontravam-se em uma fase muito difícil, de separação. Marina acompanhava o processo no qual a mãe acusava o marido de traição e a total indiferença dele em relação ao seu sofrimento. A separação era o melhor que poderia acontecer. A gravidez da filha pouco importava aos dois. Marina decidiu continuar a faculdade e o estágio no escritório, enquanto via a mãe apavorada com a barriga que já aparecia, sem ser capaz de esboçar um movimento na direção da filha. Afinal, quem estava passando por dificuldades era ela. Em idade difícil, trabalhava rodeada de rapazes e moças todos muito bem apanhados e supercompetentes. Não demoraria a ser posta pra fora do emprego. A decepção de descobrir-se traída e a consequente separação foram a gota d'água. O caos estava instalado e havia uma filha grávida no meio daquilo tudo. Era muita coisa ao mesmo tempo.

Na faculdade a gestação de Marina era motivo de festa. As colegas queriam passar a mão na barriga, enquanto Beto não conseguia livrar-se do constrangimento de ser o pai. O que Marina não esperava era que a professora de cálculo se apegasse tanto a ela.

Tornaram-se amigas, Tania e Marina. Inseparáveis!

Marina era convidada para dormir na casa de Tania, essa professora delicada, casada com um engenheiro. O fato de o casal não ter filhos e gostar muito de crianças contribuiu para a situação atual de Marina, faltando apenas três meses para o parto. Sentiu-se acolhida, cuidada com desvelo e carinho.

Tania levou-a para comprar o enxoval, fez questão de pagar tudo, com a promessa de guardar todas as notas, para que fosse ressarcida um dia. Foi a melhor acompanhante que Marina precisava naquela altura. Tania não mediu esforços para que a gestação tivesse um final saudável.

As duas nunca tiveram uma conversa acerca do bebê. Marina sabia tratar-se de um menino e que as dificuldades na sua vida não terminariam com o nascimento; pelo contrário, seriam muito maiores, em número e intensidade. Marina até desconfiava que Tania e o marido quisessem seu filho, mas isso nunca foi falado.

Foi uma surpresa constatar que na casa dos dois professores havia um quarto para Marina, para quando saísse do hospital. A mãe da menina não se opôs, ficou até aliviada. Afinal, estava a ponto de reconciliar-se com o marido, e nada poderia atrapalhar o processo.

O parto foi normal. O médico perguntou se Marina fazia questão de que o pai assistisse, e ela respondeu que não. E tudo transcorreu bem. O menino era bonito, saudável e grande. Três quilos e seiscentos!

Já no quarto, junto com Tania, recebeu seu filho. Arumou o braço em concha, percebeu que o bebê cabia ali, puxou-o para perto de si e olhou para seu rostinho. O menino abriu os olhos, e Marina soube naquele momento que nada mais seria como antes. Que ela não era mais a mesma. Uma

emoção enorme a fez chorar bem de mansinho, olhando para seu filho, sem pressa, sem que ninguém dissesse nada.

Tania recebeu a mãe de Marina, com o dedo nos lábios, pedindo que não falasse nada. E lá ficaram as duas mulheres, observando um milagre. Viram Marina tornar-se mãe. Viram-na aconchegar o filho e oferecer-lhe o seio. A comoção era algo palpável naquele quarto.

No outro dia, após a alta, Marina instalou-se confortavelmente na casa de Tania. O marido da amiga, sempre que podia, aparecia por lá para cheirar o pescocinho do bebê e dizer o quanto ele era lindo.

Uma tarde, Tania ofereceu-se para sair com o bebê, a fim de que Marina pudesse descansar da longa noite insone. A amiga aceitou agradecida, não sem antes lembrar o horário em que o filho teria que mamar de novo.

Aceitou um chá servido por Tania e deitou-se. Não demorou a dormir. Foi com surpresa que acordou na outra manhã sozinha em casa. Percorreu todos os cômodos impecavelmente arrumados e não encontrou ninguém. Olhou para o visor do celular, a fim de certificar-se da hora e do dia. O fato de haver dormido uma tarde inteira e uma noite a deixou alarmada.

Assustou-se com o barulho do telefone e, ao atendê-lo, soube que a universidade procurava pelo casal de professores. O que se seguiu foi um pesadelo inacreditável.

As manchetes davam conta de que um casal de engenheiros russos, professores de uma universidade particular do interior, desaparecera, levando consigo um bebê recém-nascido.

Marina nunca mais soube de seu filho, a quem não havia dado sequer um nome.

*Só resta
um pouco de mim...*



por Sueli Gehlen Frosi

Minhas coisas me acompanham por tantos anos. Elas são o que ainda tenho de concreto, porque a maior parte das pessoas da minha vida já se foi. Passo meu tempo sozinha.

Hoje apareceu a Glória, minha filha quase velha, tão velha que quase não a reconheci. Que idade você tem, minha filha?, perguntei. Não ouvi o que ela disse, mas vi que não gostou.

Eu não gosto da forma como ela olha para o armário da sala, que ela puxa pra frente e observa com uma lanterna. Não ouvi o que ela falou antes de trazer a vassoura, mas não devia ser coisa boa. Ela varre um tempo, junta tudo na pá e leva pro lixo da sacada dos fundos.

Vou atrás e acho que estou em outra casa. Está faltando tudo! Aquilo que estava lá era meu! Confusa, procuro lembrar-me do que estaria faltando. Glória tenta explicar sobre sujeira, mau cheiro e outras coisas, mas eu não consigo ouvir. O aperto no peito é doído, dá pra pegar com a mão. Como aquilo que é meu não está mais lá?

Minha filha conversa comigo por muito tempo e depois trata de ir para casa, deixando-me no meio do vazio. Era na sacada que eu tomava cafezinho, que eu regava minhas plantas. Caminhei como uma pateta pela casa, quando resolvi tomar meus remedinhos e deitar. As novelas já estavam começando. Vi pouca coisa na TV, porque a sacada vazia não saía da minha cabeça. Como eu iria dormir sabendo que de manhã eu não teria minha mesa do café? Que não teria nada para regar?

Tento ligar para Glória, mas não consigo me lembrar do número dela e não encontro o caderninho azul. Onde ele poderia estar? O que eu faria no outro dia sem o caderninho azul? Eu tinha que chamar o táxi para visitar a Maria no hospital. Faço isso uma vez por semana, porque Maria fica esperando por mim. Aquilo não é bem um hospital, Maria é quem

gosta de chamar assim. O taxista é tão amigo que cobra bem pouquinho pra me carregar pra cá e pra lá. Bom era quando tinha um carro e podia fazer tudo por conta própria.

Lembro-me de que, aos poucos, os filhos passaram a buscar-me em casa, para que eu não precisasse me incomodar com trânsito e depois com os impostos e a manutenção, até que resolveram vender meu carro, chamando-o de museu. Eu vi meu carro indo embora uma manhã e nunca mais pisei naquela parte da calçada em frente ao prédio. É um pedaço de calçada que me faz mal.

Esta noite será difícil dormir. Preciso encontrar logo a tomada da luz, porque vou levantar, fazer xixi de novo e esquentar água para um chá. Pode ser que depois eu descanse.

Aquela chaleira vem me acompanhando há tanto tempo. O chiado da água fervendo eu ouço mesmo estando longe, e aí fico animada. Ou faço um café, ou faço um chá. Chimarrão eu não faço mais, porque pra isso é necessário ter companhia. E companhia é coisa rara e tão rápida. Não dá tempo de grandes rituais, do tipo cevar um mate.

Sento-me um pouquinho, mais por causa da tontura, e passo os olhos pela parede do corredor, que enxergo da cozinha. Lembro-me bem de quando pintei aqueles quadros. Os mais bonitos eu vendi, tendo que entregá-los, o que era difícil. Eu tinha dificuldade em me separar deles. Vou olhar mais de perto, confiro a assinatura, que é minha mesmo. O que está faltando é o cheiro de tinta, que já se foi, com o tempo, que também levou o cheiro dos filhos. Cheirar dentro de guarda-roupas não adianta mais. Tudo tem cheiro de nada. Minha filha diz que tem cheiro ruim.

Deixo a xícara macerando o chá e vou olhando as fotos, os vasos, os livros. Passo a mão por tudo, como se, com o meu toque, aquilo tudo voltasse a ter vida, como se eu pudesse

ouvir de novo os barulhos das crianças, o riso do meu marido.

Quando volto à cozinha o chá está frio, mas ficou bem saboroso. Bebo com gosto e deito-me de novo. Quando estou quase dormindo lembro. Minha sacada foi brutalmente esvaziata! E agora? Eu não sei a que horas dormi, mas acordei bem descansada.

Lembro-me de haverem me proibido de tomar banho sozinha, só quando alguém estivesse por ali. Eles têm um medo exagerado de que eu caia. Eu sempre me cuido muito bem, mas eu não quero ver as caras contrariadas de pessoas que agora pensam mandar em mim. Lavo o rosto, passo meu creme de alface, escovo os dentes e vou ao quarto trocar de roupa.

Onde será que está meu vestido verde? E os outros? De quem são esses que estão pendurados no meu guarda-roupa? E, olhando bem, como aquele guarda-roupa veio parar aqui? E a minha cama? Confusa, tento me organizar vestindo aquele vestido que encontro na cadeira, mas o cinto não está junto. Penso no café e vou à cozinha, já sentindo o cheirinho do café que faria.

Agora sim, tudo no lugar: a chaleira chiando, o bule e o coador a postos, café dentro do coador. Passo o café e levo um susto por estar fazendo um bule cheio. O que eu estava fazendo? Será que pensei que ainda tivesse tanta gente em casa? Bom, agora estava feito. Pego o pão e a banana. Abro o pão e coloco a banana descascada dentro dele e passo tudo para uma bandeja. Ah, aquilo era muito bom!

Abro a porta da sacada, viro-me para pegar a bandeja e percebo que tudo está diferente. E a mesa? E as cadeiras? E as plantas? Volto à cozinha e sento-me para ver se entendo o que está acontecendo. Ouço a porta da frente se abrir. Como poderia se abrir se estava chaveada? Aí vejo minha filha, já meio

velha, entrando na cozinha.

Quando eu havia dado uma chave da casa para ela? E pra quê? Logo tive a resposta:

– Manhê, tudo bem? Vim esvaziar o armário da sala, porque vem um novinho pra ti – Olho para ela e não vejo nenhuma dúvida no seu rosto. Ela está convencida de que tirará meu armário da sala e trará um novo, ou não, assim como não trouxe outro carro.

Acho que ela viu que eu não gostei, porque não para de me abraçar e explicar sobre os cupins, sobre a poeira. Diz até que vai ser melhor pra mim. Aproveito pra perguntar onde foram parar meus vestidos, e ela responde que não tirou nenhum vestido, que tudo o que está lá é meu há tempo.

Vejo meus pratos, travessas, caixinhas, álbuns, tudo sendo colocado no sofá. Estou sem forças para falar. A campainha toca e entram dois senhores perguntando-me se está tudo pronto. Volto-me para dentro da sala e pergunto à minha filha com os olhos o que devo dizer a eles, e ela, alegremente, chama os dois e diz que podem levar.

O armário é erguido com dificuldade, carregado para fora da casa, depois para a calçada e da calçada para uma caminhonete. Eu estou parada em um pedaço de calçada, enquanto meu armário vai embora. Eu sei que ali não conseguirei mais pisar e, pensando bem, eu não quero mais pisar em lugar algum.



*Academia
Passo-Fundense
de Letras*



Texto breve e informações de contato

*Outros títulos da
Aldeia Sul Editora*

*Cabeernet
Poemas de Moacir Luis Araldi*

*O Guri e o Poronguinho
Uma obra de Nêko Garcia*

*Escolas esparsas
Contos de André Rossi Canals*

*Retrato 324 de Passa Fundo
Um romance de Ivaldino Tasca*



aldeia sul

*www.aldeiasul.com.br
www.facebook.com/AldeiaSulEditora*

Para publicar conosco ou obter mais informações, entre em contato

Ivaldino Tasca – tasca@aldeiasul.com.br – (54) 9969.0921
Marina de Campos – marina@aldeiasul.com.br – (54) 9157.6580



"Neste prefácio, a dificuldade maior foi não ceder à tentação do elogio fácil, tentando persuadir os leitores de que estão diante de uma obra-prima da literatura universal. Ainda que tentado, não me atreverei a qualquer comparação com a produção consagrada no gênero por contistas modelares, como Sergio Faraco, Rubem Fonseca ou Anton Tchekhov. Mas uma coisa não posso me furtar de dizer: todos os contistas honraram o posto de acadêmico/escritor e dignificaram a cadeira que ora ocupam no sodalício das letras. Cabe ressaltar que essa iniciativa de parceria com a Aldeia Sul Editora é muito bem-vinda, pois reforça o papel da Academia Passo-Fundense de Letras na consolidação de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura. Afinal, o mínimo que se espera de uma academia e de uma cidade que ostenta tamanha honraria, é que aqui se produza boa literatura e se pulique bons livros. E esse é o caso. Eis o livro!"

*Gilberto Cunha, presidente da
Academia Passo-Fundense de Letras*

www.aldeiasul.com.br



9 788579 121760

